

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - RELAÇÕES PÚBLICAS

MARINA TEIXEIRA VARGAS

**A VACINA CONTRA A COVID-19 NA MÍDIA AUSTRALIANA: ANÁLISE DA  
COBERTURA DO PORTAL DE NOTÍCIAS 9NEWS EM MEIO À ONDA DE  
DESINFORMAÇÃO SOBRE IMUNIZANTES**

Santa Maria, RS

2022

Marina Teixeira Vargas

**A VACINA CONTRA A COVID-19 NA MÍDIA AUSTRALIANA: ANÁLISE DA  
COBERTURA DO PORTAL DE NOTÍCIAS 9NEWS EM MEIO À ONDA DE  
DESINFORMAÇÃO SOBRE IMUNIZANTES**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação  
submetido ao Departamento de Comunicação  
Social da Universidade Federal de Santa Maria  
como requisito parcial para a obtenção do grau  
de Bacharel em Comunicação Social - Relações  
Públicas.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Carlise P. Schneider Rudnicki  
Coorientadora: Bibiana Moreira Moura

Santa Maria, RS

2022

**Marina Teixeira Vargas**

**A VACINA CONTRA A COVID-19 NA MÍDIA AUSTRALIANA: ANÁLISE DA  
COBERTURA DO PORTAL DE NOTÍCIAS 9NEWS EM MEIO À ONDA DE  
DESINFORMAÇÃO SOBRE IMUNIZANTES**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação  
submetido ao Departamento de Comunicação  
Social da Universidade Federal de Santa Maria  
como requisito parcial para a obtenção do grau  
de Bacharel em Comunicação Social - Relações  
Públicas.

Aprovado em \_\_\_\_ de abril de 2022:

\_\_\_\_\_  
**Carlise Porto Schneider Rudnicki, Dr. (UFSM)**  
(Presidente/Orientadora)

\_\_\_\_\_  
**Jaqueline Quincozes da Silva Kegler, Dr.<sup>a</sup> (UFSM)**

\_\_\_\_\_  
**Manuela Lang Motta, Mestra (UFSM)**

\_\_\_\_\_  
**Bibiana Moreira Moura, Bacharel (UFSM)**

Santa Maria/RS

2022

## AGRADECIMENTOS

Os primeiros mencionados, e a quem devo toda a gratidão, não poderiam não ser meus pais, José Otávio e Márcia Isabel. Agradeço pela fonte inesgotável de amor, apoio e incentivo para com a minha vida acadêmica, além de toda confiança depositada em mim para seguir meus passos sempre com a segurança de tê-los comigo;

Às minhas irmãs, Camila e Júlia, pelas palavras de incentivo que me inspiraram e serviram de exemplo para que eu não desistisse. Agradeço por serem, mesmo que indiretamente, minha força diária para seguir adiante;

Ao Miguel, por ser minha família e meu aconchego para todos os momentos de inseguranças e incertezas. Obrigada por não só incentivar e entender meus sonhos e, mas também por vivê-los comigo;

À Bibiana, pelo coração e apoio de amiga e pela disponibilidade e contribuições como coorientadora. Sem ti, não só esse trabalho como todo meu percurso acadêmico não teria sido tão valioso;

À Prof.<sup>a</sup> Carlise, por compreender de forma tão leve minhas limitações e enxergar minhas fortalezas. Obrigada pelas contribuições e direcionamentos que fizeram toda a diferença no andar do meu trabalho;

À Universidade Federal de Santa Maria, que foi palco de transformações pessoais e acadêmicas de valor grandioso. Foram nos espaços físicos, que se transformaram em remotos nos últimos 2 anos, da UFSM que vivenciei algumas das experiências mais significativas da minha vida;

Aos amigos e à família que, mesmo de longe, seguiram apoiando e acompanhando meu desenvolvimento acadêmico;

Aos novos amigos que se tornaram minha família em terras australianas, pela vivência diária na busca de novas experiências;

E, por fim, declaro a minha gratidão a todos que andaram ao meu lado durante esses quase 6 anos de UFSM.

## RESUMO

### **A VACINA CONTRA A COVID-19 NA MÍDIA AUSTRALIANA: ANÁLISE DA COBERTURA DO PORTAL DE NOTÍCIAS 9NEWS EM MEIO À ONDA DE DESINFORMAÇÃO SOBRE IMUNIZANTES**

AUTORA: Marina Teixeira Vargas

ORIENTADORA: Prof. Dr<sup>a</sup> Carlise P. Schneider Rudnicki

COORIENTADORA: Bibiana Moreira Moura

Este trabalho tem como tema a presença da desinformação na mídia. No contexto da cobertura jornalística da vacinação contra a Covid-19, cujo panorama comunicacional inclui processos de infodemia, polarização política e desinformação, delimita-se a temática. O objetivo geral é analisar como a vacinação contra a pandemia da Covid-19 foi apresentada pelo portal de notícias australiano *9News*. O estudo possui caráter exploratório, tanto por trazer à pesquisa brasileira uma análise realizada sob a perspectiva de um meio de comunicação australiano no contexto de pandemia, quanto pelo cruzamento desenvolvido entre o objeto e a temática da mídia jornalística. A fim de viabilizar a pesquisa, adota-se a abordagem qualitativa e utiliza-se das técnicas de pesquisa bibliográfica, para dar suporte aos temas abordados, e de pesquisa documental, para a estruturação e a coleta do *corpus* da análise. Este é constituído pelos 214 textos das manchetes da cobertura jornalística da vacinação realizada pelo *9News*, veiculados entre janeiro de 2020 e junho de 2021. Ancora-se na Teoria Fundamentada nos Dados (TFD), a partir da perspectiva de Strauss e Corbin (2008), como guia que dá suporte à metodologia adotada, a Análise de Conteúdo (AC), conforme a ótica de Bardin (1977). Dentre os resultados, entendeu-se que a vacinação contou uma cobertura jornalística completa pelo *9News*, em que todas as etapas do processo foram noticiadas e, por conta disso, diferentes percepções foram observadas nos conteúdos das manchetes. Como considerações finais, pôde-se constatar que o *9News*, ao citar a vacinação, a fez promovendo sobretudo a conscientização acerca da temática. Assim, infere-se que o *9News* cumpre com o que é descrito em sua apresentação em seu *site* oficial, visto que reforçou a ideia de que seus jornalistas preferem trazer dados precisos e verdadeiramente informativos do que serem os primeiros a noticiar.

**Palavras-chave:** Análise de Conteúdo. Cobertura Jornalística. Desinformação. Vacinação contra a Covid-19. *9News*.

## ABSTRACT

AUTHOR: Marina Teixeira Vargas  
ADVISOR: Prof. Dr<sup>a</sup> Carlise P. Schneider Rudnicki  
CO-ADVISOR: Bibiana Moreira Moura

This work has as its theme the presence of disinformation in the media. In the context of journalistic coverage of the Covid-19 vaccination, whose communication landscape includes processes of infodemics, political polarisation and disinformation, the theme is delimited. The general objective is to analyse how the Covid-19 vaccination was presented by the Australian news digital portal 9News. The study has an exploratory character, both because it brings to the Brazilian research an analysis carried out from the perspective of the Australian media regarding the pandemic; but also by the intersection developed between the object and the theme of the journalistic media. In order to make the research viable, a qualitative approach is adopted and bibliographic research techniques are used, to support the topics discussed and documents, for the structuring and collection of the analysis corpus. The corpus of analysis consists of 214 headlines texts of the vaccination journalistic coverage carried out by 9News, published between January 2020 and June 2021. It is anchored in Grounded Theory (GT), in the perspective of Strauss and Corbin (2008) as a guiding theory that supports the adopted methodology, Content Analysis (CA) according to Bardin's (1977) perspective. Among the other results, it was understood that the vaccination theme had a complete journalistic coverage, in which all stages of the process were reported and, because of this, different perceptions were observed in the headlines contents. As final considerations, it could be seen that 9News, when citing vaccination, did so mainly by promoting awareness of the subject. Thus, it can be inferred that 9News complies with what is described in its presentation on its official website, as it reinforced the idea that its journalists prefer to bring accurate and truly informative data than to be the first to report.

**Keywords:** Content Analysis. News Coverage. Disinformation. Covid-19 Vaccination. 9News.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Análise de Conteúdo
ATAGI	Australian Technical Advisory Group on Immunisation
AVN	Australian Vaccination-Skeptics Network
CoV	<i>Coronavirus</i>
Covid-19	<i>Coronavirus Disease 2019</i>
J&J	Johnson & Johnson
MERS	<i>Middle East respiratory syndrome</i>
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PNI	Plano Nacional de Imunização
SARS	<i>Severe Acute Respiratory Syndrome</i>
SARS-CoV-2	<i>Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2</i>
TFD	Teoria Fundamentada nos Dados
TGA	Therapeutic Goods Administration
USP	Universidade de São Paulo

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 — As quatro medidas de prevenção contra a Covid-19	17
Figura 1 — Relação entre vacinação e mortes na União Europeia	22
Quadro 2 — Categorias da desordem informativa	36
Figura 2 — Primeira reportagem sobre a Covid-19 publicada no <i>9News</i>	40
Figura 3 — Aba especial de notícias sobre a Covid-19	41
Figura 4 — Porcentagem de manchetes do <i>9News</i> sobre vacina em relação às categorias	49
Quadro 3 — Número de manchetes em cada categoria em relação ao mês de publicação	50



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2 CONTEXTUALIZAÇÃO: A PANDEMIA DA COVID-19 E A VACINAÇÃO NA AUSTRÁLIA</b>	<b>14</b>
2.1 A PANDEMIA DA COVID-19 NA AUSTRÁLIA	14
<b>2.1.1 O contexto pandêmico na Austrália</b>	<b>15</b>
<b>2.1.2 A descoberta da vacina contra a Covid-19 e seus desdobramentos</b>	<b>19</b>
2.2 A IMPORTÂNCIA DA VACINAÇÃO E O MOVIMENTO ANTI-VACINA NA AUSTRÁLIA	21
<b>3 A INTERNET COMO ESPAÇO DE RELACIONAMENTO E SUAS COMPLEXIDADES</b>	<b>27</b>
3.1 A MÍDIA E O JORNALISMO NO ÂMBITO DIGITAL	28
<b>3.1.1 Noções sobre a comunicação</b>	<b>28</b>
<b>3.1.2 A mídia e o jornalismo digital</b>	<b>30</b>
3.2 CONCEITOS ACERCA DA COMUNICAÇÃO NO ÂMBITO DIGITAL	32
<b>3.2.1 O interesse público e a polarização</b>	<b>32</b>
<b>3.2.2 Fake news, desinformação e infodemia</b>	<b>35</b>
<b>4 A COBERTURA JORNALÍSTICA DA VACINA PELO NOTICIÁRIO 9NEWS EM MEIO À ONDA DE DESINFORMAÇÃO</b>	<b>39</b>
4.1 O 9NEWS E SEU POSICIONAMENTO JORNALÍSTICO PARA COM A COVID-19	39
4.2 QUESTÕES METODOLÓGICAS	42
4.3 ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS MANCHETES VEICULADAS PELO 9NEWS SOBRE A VACINAÇÃO	46
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>56</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No final de 2019, o mundo foi acometido por um vírus recém identificado como pertencente à família dos coronavírus. Denominado como SARS-CoV-2, ele, ao entrar em contato com o corpo humano, causa a doença infecciosa chamada de Covid-19, a qual foi responsável pela instauração de uma pandemia, conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS). A maneira adotada pelos meios de comunicação para informar a população frente à emergência global da Covid-19 e as suas contribuições para o combate à disseminação de desinformação sobre a doença é o pano de fundo da presente pesquisa.

A enxurrada de desinformação presente na *internet* não é exclusividade do período pandêmico. A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) conceitua a desinformação como “uma informação falsa ou imprecisa cuja intenção deliberada é enganar” (OPAS, 2020, p. 2), e a disseminação de informações imprecisas vem sendo observada por pesquisadores do campo da comunicação desde antes do início da pandemia da Covid-19. Ao adicionar à discussão a questão da saúde pública, as consequências tornam-se ainda mais graves.

A discussão sobre *fake news* e desinformação<sup>1</sup> já vinha se tornando mais ampla desde 2016 nos Estados Unidos e desde 2018 no Brasil, ambas situações de eleições presidenciais. Nesses momentos, as consequências diretas da disseminação de conteúdo falso foram as eleições de presidentes com discursos explicitamente preconceituosos no poder. Ao debater sobre a desinformação acerca de uma doença infecciosa com aptidão de causar insuficiência respiratória, as consequências podem ser fatais.

A desinformação, no contexto da vacinação contra a Covid-19 e neste trabalho, aparece como o processo de compartilhamento das *fake news*, que resulta na negação da atividade científica e do esforço de cientistas e pesquisadores. Cabe aqui ressaltar que, na presente pesquisa, o termo vacinação refere-se a todo o processo que a envolve, desde o início do seu desenvolvimento até as campanhas de promoção que foram idealizadas pelo governo australiano.

Na Austrália, por mais que as decisões governamentais sobre o isolamento social e o *lockdown* tenham sido questionadas pela população, a vacinação foi o maior alvo das manifestações contrárias, tenham sido elas em público ou em redes sociais. Cientistas e profissionais da saúde formaram a “linha de frente” que foi determinante para que se descobrisse como lidar com uma doença que se espalhava rapidamente, contagiando milhares

---

<sup>1</sup> Aqui, entende-se *fake news* como notícias com conteúdo inverídico.

de pessoas. Porém, para os fins deste estudo, ressalta-se o papel dos profissionais de comunicação na disseminação de informações que envolvessem a pandemia.

Dessa forma, a análise do presente trabalho tem como tema a desinformação sobre a vacinação contra a Covid-19 na mídia. Mais especificamente, no portal de notícias australiano *9News*, que foi escolhido para a análise por ser um dos três noticiários mais acessados e lidos da Austrália - e, dentre esses três, ser o mais compatível com a metodologia desta pesquisa, favorecendo a coleta de dados. Apresenta-se, nesse sentido, o problema de pesquisa: de que forma o noticiário *9News* retratou a vacinação contra a pandemia da Covid-19 em seu conteúdo?

Com o intuito de responder a esse questionamento, tem-se como objetivo geral analisar como a vacinação contra a pandemia da Covid-19 foi apresentada pelo portal de notícias australiano *9News*. Os objetivos específicos são: 1) Mapear as notícias veiculadas no noticiário *9News* sobre vacinação; 2) Identificar as estratégias empregadas nas manchetes do noticiário analisado e 3) Refletir sobre o impacto dessas estratégias de comunicação na promoção da conscientização sobre a vacinação. Diante da problemática de pesquisa apresentada, surge a hipótese a ser verificada no final deste estudo, na qual afirma-se que o noticiário *9News* colaborou para a disseminação de desinformação sobre a vacinação durante o período analisado.

A escolha do tema central do estudo justifica-se pelo contexto em que a monografia se desenvolve. Após dois anos do início da pandemia da Covid-19, já deveria ser um consenso comum a importância que a vacinação carrega para a contenção de uma doença infecciosa com alta taxa de transmissão para a garantia da saúde coletiva. Nesse sentido, entender como se dá a participação ativa da comunicação nesse cenário é pertinente para a reflexão do papel social que os profissionais da área têm.

Além disso, o cruzamento entre países tão diferentes é relevante. Por mais que a pesquisa não se atenha a uma comparação direta entre Brasil e Austrália, um noticiário australiano está a ser analisado por uma pesquisadora brasileira que, durante toda a pandemia, esteve residindo na Austrália. O contágio do vírus SARS-CoV-2 se deu a nível mundial, entretanto os diferentes resultados e consequências da pandemia foram observados diferentemente em decorrência dos comportamentos governamentais e midiáticos entre os dois países.

O estudo possui caráter exploratório, tanto por trazer à pesquisa brasileira uma análise realizada sob a perspectiva do meio de comunicação australiano com relação à pandemia, como também pela necessidade de familiarizar-se com a temática em um trabalho prévio à

análise. Essa atividade deve-se ao fato de tratar-se de um tema recente, com especificidades - como a intersecção entre países e autores, por exemplo - não encontradas em outros trabalhos.

Adota-se, a fim de viabilizar a pesquisa, a abordagem qualitativa. Ademais, tem-se a utilização das técnicas de pesquisa bibliográfica, para servir suporte aos temas abordados, e de pesquisa documental, para a estruturação e coleta e do *corpus* da análise. Ancora-se na Teoria Fundamentada nos Dados (TFD), a partir da perspectiva de Strauss e Corbin (2008), como teoria guia que dá suporte à metodologia adotada. Esta foi a Análise de Conteúdo (AC), conforme a ótica de Bardin (1977), escolhida sobretudo por possibilitar a análise do *corpus* da qual a análise é elaborada pelas manchetes que compuseram a cobertura jornalística da vacinação pelo noticiário *9News* entre os meses de janeiro de 2020 e junho de 2021.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos, incluindo esta introdução. Após realizar as considerações iniciais no capítulo 1, apresenta-se, no capítulo 2, a contextualização acerca de como a pandemia da Covid-19 foi conduzida na Austrália. Visto que, por ser uma pesquisa escrita em português e em uma universidade brasileira, é necessário que seja realizada uma descrição da conjuntura na qual elabora-se o estudo.

Assim, além da explicação da situação pandêmica na Austrália, uma breve recapitulação do histórico das campanhas de vacinação no país - com um sintético comparativo com o Brasil - foi necessária para o melhor entendimento do funcionamento midiático. Ademais, o movimento anti-vacina na Austrália e um reforço dos motivos pelos quais a conscientização acerca da vacina é importante são trazidos no final do capítulo.

No referencial teórico, que configura o terceiro capítulo, combina-se o acontecimento da Covid-19 com estudos teóricos que estabelecem linhas conceituais que ajudam a desenvolver a análise. Dividido em dois subcapítulos, o primeiro conta com a conceituação sobre a comunicação, a mídia e os acontecimentos. Nessa parte inicial, destacam-se autores como Baldissera (2008) e França (2001).

A segunda parte do referencial teórico é constituída pela construção teórica dos conceitos que estão no entorno da comunicação digital na atualidade. Contextualiza-se, nessa etapa, a questão do interesse público com a dinâmica da polarização, com base em Gomes (2005, 2016), Baldissera; Sartor e Rudnicki (2015) e SORJ et al. (2018). Sobre as *fake news*, a desinformação e a infodemia, tem-se como referência autores como Gomes e Dourado (2019) e Wardle e Derakhshan (2017).

O quarto e último capítulo trata da análise em si. Inicialmente, na primeira parte do capítulo, são abordadas as questões metodológicas utilizadas para o desenvolvimento do trabalho. No capítulo em questão, destaca-se Bardin (1977) para a compreensão do método de

Análise de Conteúdo, assim como Strauss e Corbin (2008), com a Teoria Fundamentada nos Dados. A segunda parte do capítulo dedica-se aos dados obtidos pela análise. Busca-se, nessa etapa, a compreensão dos dados analisados com o alinhamento à temática central do trabalho e sob a ótica do referencial teórico. Por fim, são apresentadas as considerações finais da pesquisa. No capítulo, são abordadas as respostas para os objetivos aqui elencados, bem como para a problemática de pesquisa que centraliza e conduz todo o desenvolvimento do trabalho. Por último, pretende-se verificar a hipótese estabelecida nesta introdução.

## **2 CONTEXTUALIZAÇÃO: A PANDEMIA DA COVID-19 E A VACINAÇÃO NA AUSTRÁLIA**

A descoberta do vírus SARS-CoV-2, no final de 2019, e a conseqüente batalha para o controle de seu contágio, que se estende até os dias atuais, evidenciou mais ainda a importância da comunicação para a saúde pública. A maneira adotada pelos meios de comunicação para informar cientificamente a população frente à pandemia da Covid-19 e as suas contribuições com o combate à disseminação da doença é o pano de fundo da presente pesquisa.

Inicialmente, é necessário que se realize a contextualização ambiental na qual a análise é elaborada. A ocorrência de uma pandemia tem caráter extraordinário e, por isso, torna-se imperativo para as pesquisas desse período a inclusão das circunstâncias que as permeiam. Sendo assim, o primeiro capítulo é dividido em duas partes. A parte inicial é constituída por uma síntese do surgimento e da disseminação do vírus SARS-CoV-2 na Austrália, das formas de controle e das medidas de possível contenção adotadas pelo país, assim como descreve a evolução da vacinação no local.

Ampliando a discussão sobre a imunização contra a Covid-19, apresenta-se, na segunda parte, o contexto de vacinação na Austrália. Em seguida, tem-se a campanha nacional de vacinação realizada pelo Governo Federal. A contextualização histórica da vacinação na Austrália, assim como as estratégias do governo para atingir a marca de 94,6%<sup>2</sup> de australianos com pelo menos 16 anos completos com as duas doses de imunizante, abrem o caminho necessário para oportunizar a realização da análise pretendida com o estudo.

### **2.1 A PANDEMIA DA COVID-19 NA AUSTRÁLIA**

Os coronavírus (CoV) são uma família viral que vem causando infecções respiratórias em animais e seres humanos desde 1960. Alguns vírus da família podem causar a chamada Síndrome Respiratória Aguda Grave (em inglês, Severe Acute Respiratory Syndrome, SARS), a qual gera o SARS-CoV, vírus que foi identificado na China pela primeira vez em 2002. No ano de 2019, um novo tipo de coronavírus foi identificado e recebeu o nome de SARS-CoV-2. O corpo humano, ao entrar em contato com este, sofre uma infecção

---

<sup>2</sup> Informação referente a 06 de fevereiro de 2022. Dados atualizados podem ser conferidos em: <https://www.health.gov.au/initiatives-and-programs/covid-19-vaccines/numbers-statistics>. Acesso em: 06 de fev. 2022.

respiratória que se manifesta como a Covid-19 - doença que recebeu este nome em 11 de fevereiro de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

O primeiro caso de Covid-19 foi oficialmente identificado em Wuhan, na China, em dezembro de 2019. Em março do ano seguinte, com o vírus presente em mais de 110 países e somando mais de cem mil infectados, a então epidemia, que assim se caracterizava por sua abrangência local, foi classificada como pandemia pela OMS. Desde então, a origem do vírus vem sendo discutida e as pesquisas mais aceitas cientificamente hoje apontam origem zoonótica, isto é, proveniente de transmissão natural entre animais e seres humanos.

A Covid-19 é uma doença contagiosa a qual tem como principal forma de transmissão, dentre as diversas formas de transmissão já constatadas, a que se dá pelo contato direto entre pessoas. O vírus pode ser transmitido pelo indivíduo contagiado através de gotículas provenientes da boca e do nariz, especialmente quando este tosse, espirra, fala, canta ou respira - ou seja, em grande parte das ações cotidianas da vida em sociedade.

Uma segunda pessoa, quando em contato com a primeira, pode ser contagiada por meio de partículas infecciosas que estão presentes no ar e são inaladas (o que é a chamada transmissão por aerossol), ou se essas partículas entram em contato direto com áreas mucosas, como os olhos, nariz e boca (transmissão por gotículas). Nessa mesma linha, o Ministério da Saúde do governo brasileiro descreve os três principais modos de transmissão, são eles: por contato, por gotículas ou por aerossol.<sup>3</sup>

As formas de tentativa de prevenção e combate à Covid-19 são discutidas continuamente até hoje, mais de dois anos após o surgimento do vírus. As disparidades socioeconômicas entre os países atingidos geram variados resultados do enfrentamento contra a transmissão da doença. Diferentes orientações, regras e medidas preventivas estão proporcionalmente ligadas às possíveis macro-sequelas, como número de contagiados e fatalidades provenientes da doença. Por esse motivo, os subcapítulos constituintes da primeira parte do trabalho descrevem a pandemia da Covid-19 na Austrália, as medidas de prevenção empregadas e como foi a descoberta e a chegada das vacinas no país.

### **2.1.1 O contexto pandêmico na Austrália**

O primeiro caso de Covid-19 na Austrália foi reportado no dia 25 de janeiro de 2020, após a detecção do vírus em um homem de 50 anos. Ele estava há 6 dias na cidade de

---

<sup>3</sup> Informações disponíveis em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/como-e-transmitido>. Acesso em: 20 jan. 2022.

Melbourne, no estado de Victoria, e teria chegado de avião de Guangzhou, cidade chinesa em que já havia a ampla circulação do vírus.

No mesmo dia, no estado vizinho de New South Wales, outros três casos de Covid-19 foram detectados, todos em homens que haviam chegado da China nos dias anteriores. Após a detecção de mais de 30 casos de origem externa, ou seja, que eram provenientes de fora do país, o governo australiano identificou seu primeiro caso de transmissão local, em fevereiro de 2020.

Em pouco menos de um mês, as restrições para conter o avanço da doença a nível nacional começaram a ser divulgadas pelo governo. Em março, as fronteiras internacionais para a entrada da Austrália estavam fechadas para todos os não-residentes. Aos cidadãos que quisessem entrar no país, havia a exigência de realização de quarentena de 14 dias em hotéis supervisionados pelo governo. Assim como a Austrália, diferentes países do mundo aderiram às medidas de tentativa de prevenção ao vírus que estava se espalhando muito rapidamente pelo globo.

Inicialmente, as medidas de proteção implementadas mundialmente envolviam o incentivo à melhor prática da higiene pessoal. Lavar bem as mãos, utilizar máscaras faciais de proteção e fazer uso do álcool em gel foram práticas fomentadas por campanhas realizadas por governos em todos os continentes, assim como o emprego do distanciamento social também foi amplamente promovido logo no início da pandemia. Plataformas oficiais do Ministério da Saúde do governo australiano, como o *website* <https://www.health.gov.au/> e as páginas das redes sociais, publicaram orientações de higiene pessoal já nas primeiras semanas de pandemia.

Com o objetivo de estancar o que viria a ser a primeira onda<sup>4</sup> do vírus na Austrália, as primeiras restrições foram determinadas pelo governo federal no final de março de 2020. A Austrália, assim como quase a totalidade dos países contagiados pelo vírus, aderiram a prática de distanciamento social, uma das mais populares medidas de prevenção ao alastramento do vírus. Inicialmente, no país, isso aconteceu com o banimento de agrupamentos de mais de 100 pessoas em ambientes internos.

Dias depois, as medidas foram ampliadas para o fechamento de *pubs*, bares, restaurantes, cinemas, academias e demais espaços de concentração de indivíduos. Posteriormente, com mais estudos e pesquisas sobre a transmissão do vírus, reconheceu-se que apenas o distanciamento social não seria suficiente para desacelerar a transmissão da

---

<sup>4</sup> O termo "onda" é utilizado tanto no Brasil quanto na Austrália para referir-se aos períodos entre um grande aumento no número de casos e a sua diminuição.



Covid-19 e, dessa forma, os estados australianos, de forma independente, de acordo com a sua situação pandêmica, passaram a implementar restrições mais severas, como *lockdowns*, quarentenas e isolamentos. A diferença entre as quatro medidas de prevenção está descrita no Quadro 1.

**QUADRO 1:** As quatro medidas de prevenção contra a Covid-19

	O que é?	Quando deve ser aplicado no contexto da Covid-19?
Distanciamento Social	Diminuição da interação entre pessoas de uma comunidade	Na existência de transmissão comunitária
<i>Lockdown</i> (bloqueio total)	Medida de intervenção aplicada a uma comunidade, cidade ou região, restringindo as atividades e a interação entre as pessoas. As regras dependem de cada administração formal e as consequências da quebra de regras são previstas em leis	A insuficiência de outras medidas de distanciamento
Isolamento	Separação de pessoas infectadas das não infectadas	Em casos pacientes sintomáticos, suspeitos ou confirmados
Quarentena	Separação de pessoas que foram expostas ao vírus. Pode ser voluntária ou mandatória	Individual: Contatos próximos de casos positivos; ao retornar de destinos considerados <i>hotspots</i> (lugar de alto risco de contágio)  Coletiva: Restrição de atividades de um grande grupo, como um bairro ou uma cidade

Fonte: TelessaúdeRS-UFRGS. (2022)

A Austrália é dividida em 7 estados, sendo eles Austrália Meridional, Austrália Ocidental, Nova Gales do Sul, Tasmânia, Território do Norte, Victoria e Queensland, além do Território da Capital Australiana. Todos foram afetados de formas muito diferentes pela pandemia, tanto pelo número de casos e de fatalidades quanto pelas restrições adotadas por cada governo estadual.

As medidas para tentativa mais severa de contenção do vírus no país foram empregadas no estado de Victoria e, por 4 meses, entre junho e outubro de 2020 (período que foi chamado de “segunda onda”), o *Stage 4*, estágio de restrições mais estritas, foi determinado pelo governo do estado. Victoria só começou o plano de flexibilização a partir do dia em que zero casos de Covid-19 foram identificados.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Informação disponível em:

<https://www.theguardian.com/australia-news/live/2020/oct/26/coronavirus-australia-live-updates-politics-live-daniel-andrews-lockdown-senate-estimates>. Acesso em: 08 mar. 2022.

O maior país da Oceania ficou conhecido mundialmente pela sua forma séria e responsável de lidar com a pandemia, buscando evitar altos números de contagiados e de mortos em decorrência da Covid-19. Conseguir manter os números baixos a nível mundial só foi possível pelas estratégias operadas pelos órgãos responsáveis de cada estado, como o *Contact Tracing*<sup>6</sup> (rastreamento de contatos, em tradução livre).

Este recurso do governo federal, que já era utilizado para controlar a transmissão de outras doenças no país (como Infecções Sexualmente Transmissíveis, por exemplo), consiste basicamente em identificar e monitorar a rede de pessoas com as quais o indivíduo contaminado teve contato. Nas circunstâncias da Covid-19, cada estado australiano desenvolveu, juntamente com a administração federal, aplicativos para celulares, nos quais guardam-se informações pessoais (como locais visitados, tempo de permanência e, posteriormente, comprovante de vacinação) para eventual uso, em caso de resultados positivos para a doença.

O planejamento para a abertura das fronteiras internacionais da Austrália foi desenvolvido sob a condição de, previamente, atingir indicadores que atestassem a segurança e a saúde da população. Dessa forma, em agosto de 2021, com cerca de 20% da população com idade acima de 16 anos com as duas doses da vacina, o Gabinete Nacional divulgou, por meio de uma declaração oficial, o Plano Nacional de Transição de Resposta da Austrália à Covid-19.

Constituído por quatro fases, baseadas na porcentagem de vacinação nacional do momento, cada etapa continha um conjunto de medidas para alcançar a seguinte etapa e assim sucessivamente até o final do plano. Após atingir a taxa de 80% da população com as duas vacinas, a última fase do plano entrou em vigor. As medidas dessa fase, nomeada como “Fase Pós-vacinação”, incluíam a abertura internacional do país, assim como o seguimento das medidas de segurança, evitando o emprego de restrições e *lockdowns*.

Com a chegada da variante Ômicron no país, no mês de novembro de 2021, juntamente com a abertura parcial das fronteiras internacionais, a Austrália passou pela quarta e mais numerosa onda do vírus. O amplo aumento do número de casos tornou quase impossível a continuidade do rastreamento de casos, além da mudança de foco do governo federal frente ao combate ao vírus. O Primeiro Ministro australiano comunicou a decisão de que *lockdowns* e restrições mais estritas não seriam mais implementadas no país. Em 27 de

---

<sup>6</sup> Para mais informações: <https://www.healthdirect.gov.au/contact-tracing>. Acesso em: 27 jan. 2022.

janeiro de 2022, tinham sido contabilizados mais de 1,7 milhão de casos e 3,300 mortes<sup>7</sup> durante todo o período da pandemia.

### 2.1.2 A descoberta da vacina contra a Covid-19 e seus desdobramentos

O surgimento do SARS-CoV-2 foi repentino e logo apresentou ao mundo as maiores consequências que viria a trazer. A rápida transmissão comunitária e o alto número de fatalidades provenientes da Covid-19 fizeram com que não só autoridades governamentais, mas também grande parte da população mundial, voltassem sua atenção para a ciência e para a ideia do desenvolvimento de uma vacina que protegeria o corpo humano do novo vírus.

De acordo com o Instituto Butantan, a média de prazo para a criação de uma vacina, anteriormente, era de 10 anos. Entretanto, a vacina que prometia conter a disseminação do novo vírus começou a ser disponibilizada à população em menos de um ano desde o início da pandemia, essa marca só foi possível pelo trabalho prévio realizado. As pesquisas para a criação de tecnologias que pudessem ser utilizadas no combate à SARS começaram em 2003, no acontecimento do primeiro surto global envolvendo um coronavírus.<sup>8</sup>

A Universidade de Oxford, que viria a ser uma das desenvolvedoras da vacina contra a Covid-19, foi uma das instituições que se dedicou, na época, a estudar a SARS-CoV. Com a eclosão de um coronavírus em 2012, com a Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS), novamente testes clínicos foram realizados. Em ambas as situações, as pandemias acabaram antes que uma imunização comunitária fosse necessária, mas permitiram que os estudos fossem cada vez mais aprimorados.

Cientistas do mundo inteiro, com o amparo possibilitado por meio de investimentos governamentais provenientes de países como Reino Unido, China, Estados Unidos, Índia e Rússia, puderam dar continuidade a esses estudos e adaptá-los ao SARS-Cov-2. Em uma cronologia básica, em junho de 2020 já eram mais de 130 pesquisas de imunizantes contra a Covid-19 e, no mesmo período, a China aprovou o uso de uma vacina de pesquisa local.

No fim do mesmo ano, as vacinas produzidas pela Pfizer-BioNTech, Moderna e Oxford-AstraZeneca anunciavam resultados positivos das análises de fase 3, última etapa antes da aprovação de uma vacina para uso emergencial. Uma corrida entre vacinas - e entre

---

<sup>7</sup> Contagem em tempo real disponível em:

<https://www.health.gov.au/health-alerts/covid-19/case-numbers-and-statistics>. Acesso em: 27 jan. 2022.

<sup>8</sup> Informação disponível em:

<https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/a-velocidade-com-que-foi-criada-a-vacina-da-covid-19-e-motivo-de-preocupacao-especialista-do-butantan-responde>. Acesso em: 25 fev. 2022.

os países e empresas que as financiam - foi estabelecida. O primeiro trabalho a atingir a fase 3 foi a vacina da Oxford-AstraZeneca, em que os resultados apontaram eficácia em proteger seres humanos contra a doença.

Finalmente, em 08 de dezembro de 2020, uma mulher de 91 anos, nos Estados Unidos, tornou-se a primeira pessoa em uma campanha de ampla vacinação a receber a primeira dose do imunizante - em questão, Pfizer-BioNTech - contra a Covid-19. Na Austrália, a Pfizer-BioNTech foi a primeira vacina a atingir os protocolos requeridos pela TGA, em janeiro de 2021, seguido da Oxford-AstraZeneca, no mês seguinte.

Na Austrália, doses do programa de vacinação contra a Covid-19 começaram a ser administradas no dia 22 fevereiro de 2021, um dia após o Primeiro Ministro Scott Morrison, outros três membros do governo e um grupo de residentes e cuidadores de um asilo serem oficialmente os primeiros australianos a receberem a vacina. A presença de trabalhadores da linha frente, juntamente com residentes de uma casa de repouso, foi um marco importante para o início do programa, uma vez que os maiores surtos da doença, até então, tinham sido em asilos de idosos.

O aprofundamento sobre a campanha de vacinação na Austrália é de fundamental relevância para esse trabalho - e será feito apropriadamente no item seguinte -, porém, é necessária a compreensão prévia acerca do processo de descoberta, chegada e recebimento das doses imunizantes no país. A agência regulatória de medicamentos do governo australiano é a Therapeutic Goods Administration (TGA), enquanto o Australian Technical Advisory Group on Immunization (ATAGI) é o grupo técnico de consulta. Ambos são constituintes do Departamento de Saúde do país, e o ATAGI também presta assessoria ao Ministro da Saúde para programas de imunização.

Até o final de 2021, quatro diferentes vacinas já tinham sido aprovadas pela TGA e estavam sendo administradas: Pfizer-BioNTech, Oxford-AstraZeneca, Moderna e Janssen (J&J). Em janeiro de 2022, a Novavax foi aprovada e sua utilização foi iniciada em fevereiro. Ambas Pfizer e AstraZeneca, vacinas que foram mais administradas no país, foram aprovadas provisoriamente nos primeiros dois meses de 2021, e, desde então, houveram muitas controvérsias acerca da utilização de cada uma.

A vacina Pfizer-BioNTech foi inicialmente aprovada para jovens e adultos com mais de 16 anos, enquanto a Oxford-AstraZeneca para adultos maiores de 18 anos. Além da questão da idade, a diferença na manutenção e mantimento das duas também chamava a

atenção da mídia.<sup>9</sup>A ATAGI, em abril de 2021, aconselhou a administração do imunizante Oxford-AstraZeneca apenas para maiores de 50 anos, devido à suspeita de ocorrência de coágulos sanguíneos ligados à vacina.

Em junho do mesmo ano, com mais casos sendo revelados ao redor do mundo e dentro do país, a idade mínima passou para 60 anos. Essa recomendação gerou uma série de consequências, uma vez que o plano de vacinação teve de ser reconsiderado e remanejado - além de ter sequenciado uma onda de cancelamento de consultas de vacina, quando jovens e adultos com menos de 60 anos decidiram esperar para receber sua dose da Pfizer.

A necessidade de importar doses da Pfizer e a possibilidade de produzir o imunizante da Oxford-AstraZeneca, somados ao fato da campanha de vacinação estar atrasada de acordo com seu cronograma inicial, fez com que o Primeiro Ministro australiano anunciasse que qualquer adulto com menos de 40 anos poderia receber a vacina Oxford-AstraZeneca em junho de 2021. Essa junção de fatos evidencia a relevância de desenvolver campanhas de vacinação que transmitam segurança em relação à vacina - e o papel importante que cumpre em proteger populações inteiras contra doenças infecciosas.

## 2.2 A IMPORTÂNCIA DA VACINAÇÃO E O MOVIMENTO ANTI-VACINA NA AUSTRÁLIA

Entre os tantos avanços no campo da saúde provenientes do desenvolvimento tecnológico, a vacina foi muito valiosa para controlar o contágio de doenças transmissíveis. A sua descoberta e todo o percurso da ciência até os dias atuais evidencia a importância das vacinações em massa para combater doenças infecciosas. A imunização em massa cumpre papel comunitário essencial, evitando mortes e erradicando doenças.

Hoje, tão importante quanto o desenvolvimento de campanhas por órgãos governamentais de saúde, está o papel da mídia para o alcance de resultados positivos. Dessa maneira, para um maior entendimento da análise apresentada neste trabalho, é necessário que discuta-se a importância da vacinação em massa e das campanhas desenvolvidas para promovê-la.

Em relação à vacinação contra a Covid-19, essa relevância não foi diferente e os resultados, depois de pouco mais de um ano do início, já são perceptíveis. O número de mortes causadas pela doença é o fator que apresenta maior diferença e representa a

---

<sup>9</sup> Informação pode ser visualizada na reportagem:

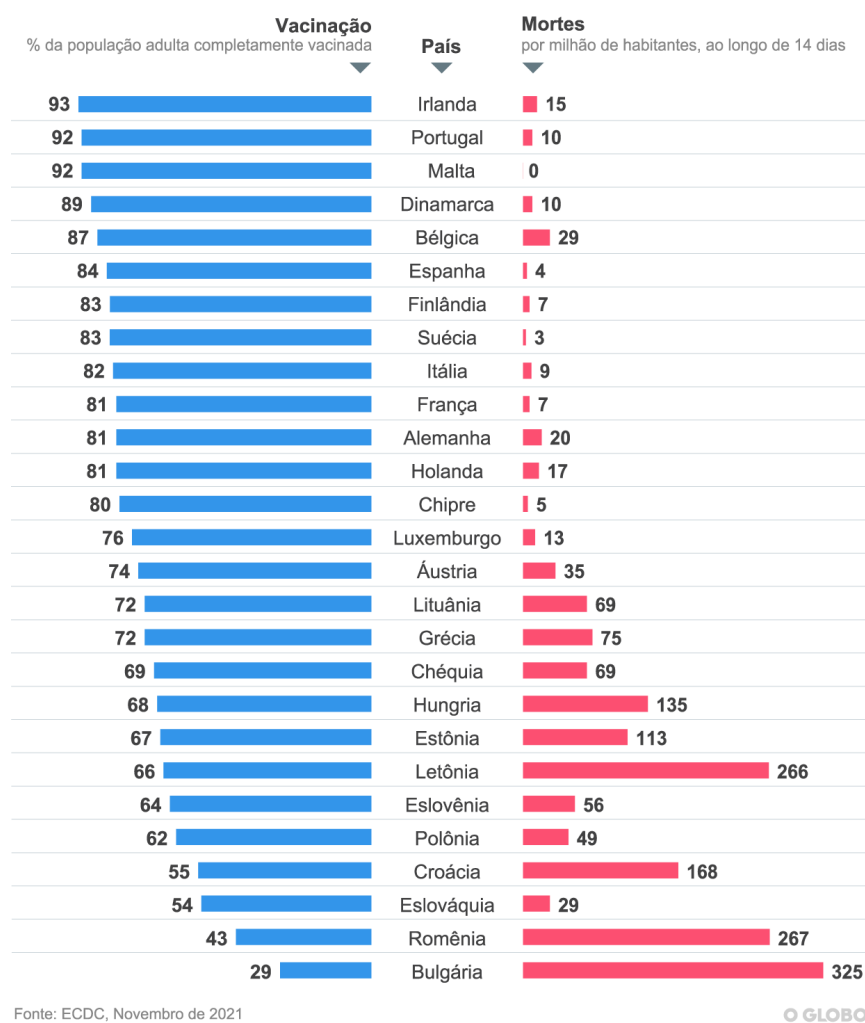
<https://www.abc.net.au/news/2021-02-16/coronavirus-astrazeneca-vaccine-approved-for-use-in-australia/13115784>. Acesso em: 17 de fev. 2022.

capacidade que uma vacina tem em combater um vírus. A relação direta entre a vacinação e as mortes decorrentes da Covid-19, ilustrada pela Figura 1, foi apresentada pela Comissão Europeia em um estudo publicado em 2021 em que se compara a porcentagem da população adulta completamente vacinada em 27 países e o número de mortes de habitantes por milhão.

Visualizando a figura, torna-se evidente o papel da vacinação. É possível constatar claramente a discrepância nos números de fatalidades entre os países que possuem altas porcentagens de vacinação e os que estão encontrando dificuldade em vacinar sua população. A Bulgária, que na época tinha a menor taxa de vacinados, era, também, o país com mais mortes provenientes da Covid-19.

**Figura 1:** Relação entre vacinação e mortes na União Europeia

### Relação entre vacinação e mortes na União Europeia



Fonte: O Globo, 2021.

Um dos “combustíveis” para engajar a população a se vacinar é a informação, uma vez que a escolha consciente de vacinar-se acontece pelo entendimento da importância de cada indivíduo em relação ao ato. É de acordo com essa afirmação que se entende o papel das campanhas de vacinação. Nesse sentido, a professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), Ana Lúcia Schritzmeyer afirma, em entrevista ao Jornal da USP, a necessidade da realização de mobilização do governo pelo fato de que “a adesão das pessoas a qualquer coisa de ordem pública não é necessariamente espontânea. A noção de público tem que ser cultivada” (SCHRITZMEYER, 2021).

Campanhas publicitárias são, resumidamente, um conjunto de ações com o objetivo de promover uma empresa ou produto. O agravante da saúde traz um peso muito maior para campanhas, normalmente governamentais, que buscam conscientizar a população acerca de doenças e seus males e incentivar a procura por tratamentos, reabilitações ou centros de vacinação. As vacinas são reconhecidas pela agilidade e eficácia em proteger comunidades inteiras de doenças e prevenir fatalidades e é papel do Estado viabilizar, estimular e publicizar as campanhas de promoção em saúde.

A primeira campanha de vacinação empregada na Austrália foi contra a varíola, em 1804<sup>10</sup>. Em 1913, durante um surto de varíola na maior cidade australiana, Sidney, foi declarada quarentena e uma série de medidas de prevenção foram sancionadas. O governo estadual decidiu que pessoas que não estivessem vacinadas não poderiam deixar a área em quarentena com o propósito de viajar para outros estados. Além disso, eram requeridos documentos que comprovassem a vacinação para a entrada e saída do estado, processo muito similar ao empregado posteriormente pelos governos estaduais do país para combater a Covid-19.

Em um seminário sobre a Covid-19 transmitido no *Youtube*<sup>11</sup>, a epidemiologista Raiana MacIntyre relata que houve a falta de uma campanha a nível nacional de vacinação contra a varíola na Austrália, uma vez que os imunizantes eram administrados apenas em caso de surtos e somente nos grupos de pessoas mais diretamente afetadas pela doença. O último caso de varíola foi identificado em 1938 no país, anos antes de ser erradicado mundialmente.

O Brasil também inaugurou seu histórico de campanhas de vacinação para proteger a população da varíola. Em 1904, em meio a um surto da doença no Rio de Janeiro, foi

---

<sup>10</sup> Para mais informações: <https://www.health.vic.gov.au/immunisation/vaccine-history-timeline>. Acesso em: 17 fev. 2022.

<sup>11</sup> Seminário disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VzoDVP2G2C8>. Acesso em: 17 fev. 2022.

administrada a primeira campanha de vacinação em massa em território brasileiro, quando Oswaldo Cruz, que na época era Diretor-geral de Saúde Pública do Governo Federal, estabeleceu a obrigatoriedade da vacina contra a varíola.

No ano em que a doença foi erradicada no Brasil, em 1973, foi formulado o Plano Nacional de Imunização (PNI). O PNI foi desenvolvido com o objetivo de promover o controle de doenças infecciosas e, desde a sua criação, conta com uma série de campanhas realizadas com êxito. Além da varíola, erradicou-se a paralisia infantil, assim como foi possível controlar a epidemia da febre amarela.

Na campanha de combate à Covid-19, assim como em diversos outros países, a Austrália dividiu seu programa de vacinação em etapas. As quatro fases foram segmentadas priorizando, nesta ordem, trabalhadores sob alto risco, idosos, aborígenes e pessoas com comorbidades. O Governo Federal australiano ficou responsável por liderar a implementação da Estratégia Nacional de Vacinação contra a Covid-19 e, em janeiro de 2021, antes mesmo do início do programa, desenvolveu uma campanha com o orçamento de \$23,9 milhões de dólares para a divulgação de informações sobre a vacinação para encorajar a população a vacinar-se.

A campanha serviria de para manter os australianos informados de todas as atualizações, assim como indicaria onde, quando e como se vacinar. Nos meses seguintes ao lançamento da campanha, ela foi exibida na televisão, em canais digitais e sociais, assim como em rádios, jornais e em locais públicos (através de sinalização visual). Foi também planejada a transmissão em canais de mídia específicos para audiências culturais e linguisticamente diversas, assim como para os aborígenes. Os vídeos informativos animados e as postagens nas redes sociais foram produzidos em mais de 64 idiomas diferentes - inclusive em português -, respeitando a diversidade cultural existente no país.

Cada uma das etapas do programa de vacinação foi amparada por campanhas publicitárias. Em total, pelo menos 17 campanhas foram veiculadas pelo governo australiano desde a primeira fase do programa de vacinação, com início em agosto de 2021. A última campanha a entrar em vigor compõe a fase 4, a última do programa inicial, na qual as vacinas de reforço são administradas. O Governo Federal desenvolveu materiais a fim de lembrar a população sobre a importância da vacina de reforço.

Por mais que a Austrália tenha sido utilizada como ponto de referência mundialmente para o emprego de medidas de contenção do SARS-CoV-2, o país enfrentou dificuldades para vacinar sua população. O movimento anti-vacina australiano vem atuando, de forma organizada, contra a administração de imunizantes desde pelo menos 1994, quando o grupo



Australian Vaccination-risks Network Inc. (AVN) foi criado. A fundadora foi motivada por uma suposta reação adversa proveniente da conjunção da vacina tríplice (DPT) e tríplice viral (MMR) em seu filho.

Desde então, o AVN se tornou o principal grupo anti-vacinação na Austrália, atuando contra as decisões governamentais em diversas campanhas de vacinação. Em 2009, quando um bebê de 4 semanas morreu em decorrência de coqueluche, novas campanhas de imunização foram desenvolvidas para conscientizar a população sobre a doença e a vacina existente. Nessa ocasião, o grupo anti-vacina organizou-se contra a vacinação e, para isso, se utilizou da fatalidade em seus materiais de campanha, sugerindo que o bebê não teria morrido pela doença.<sup>12</sup>

Nessa campanha, seguindo os princípios do grupo, eles questionaram a segurança e eficácia da vacina, além de contestar qual seria o “verdadeiro” perigo da coqueluche. Da mesma forma e no mesmo ano, 2009, o grupo criou uma campanha contrária à vacinação contra a gripe suína, causada pelo vírus influenza H1N1, alegando que o imunizante era produzido com “mercúrio tóxico” - o que, para o grupo, causaria mais danos que a própria gripe. Questionou-se, também, o esforço do governo para a distribuição da vacina.

As alegações realizadas pelos integrantes do movimento anti-vacina com doenças infecciosas foram observadas em relação a Covid-19. O AVN, mais uma vez por meio de notícias falsas, causou desinformação ao se referir a doença como uma “gripe comum” e afirmar que a população estava sendo enganada por uma campanha apenas midiática - essa dinâmica também foi percebida no Brasil, com afirmações muito semelhantes.

Além de questionar a veracidade da pandemia, do número de contagiados e de mortes, a porta-voz oficial do grupo incentivou os apoiadores do movimento a invadir os hospitais. Na publicação feita no *Facebook*, o grupo sugeria que seus seguidores gravassem o interior dos hospitais e postassem: "Nos conte o quão lotado está - ou não está. O coronavírus está realmente sobrecarregando nossa nação ou nossa nação está nos sobrecarregando com mentiras e matando nossa economia e nós?"<sup>13</sup> (AVN, 2020).

A utilização da *internet* nas campanhas de vacinação é de grande auxílio, uma vez que faz com que um maior número de pessoas tenha acesso àquelas informações. Entretanto, da mesma forma, quando um movimento que promove ideias anti-vacina e anti-ciência se utiliza

---

<sup>12</sup> Informações disponíveis em:

<https://www.smh.com.au/national/outrage-over-campaign-after-babys-death-20100727-10ttb.html>. Acesso em: 27 mar. 2022.

<sup>13</sup> Traduzido pela própria autora. No original: Let us know how crowded it is — or is not. Is coronavirus really overwhelming our nation or is our nation overwhelming us with lies and killing our economy and us?

da *internet*, dissemina a desinformação para um público maior. Esse dilema é discutido no capítulo a seguir.

### 3 A INTERNET COMO ESPAÇO DE RELACIONAMENTO E SUAS COMPLEXIDADES

Em concordância com o que foi mencionado no capítulo anterior, a maneira agressiva com que a Covid-19 se espalhou pelo mundo evidenciou a importância da comunicação para a saúde pública. A facilidade e a rapidez com que a transmissão do vírus aconteceu teve como consequência o acionamento de *lockdowns* e quarentenas por parte de governos; assim como o medo gerado pelo alto número de fatalidades resultou no isolamento em massa (com algumas exceções).

Qualquer que tenha sido a motivação, sendo ela mandatória ou voluntária, por meses, grande parte da população mundial se resguardou dentro de casa para manter-se segura. Aliado a isso, tem-se as mudanças na maneira de comunicar-se e se relacionar que já vinham acontecendo, provenientes do advento da *internet* e das mudanças econômicas e socioculturais. Dessa mesma forma, mudou-se o modo de consumir noticiários e de manter-se atualizado.

Diante disso, encontra-se a necessidade de, previamente, compreender os aspectos comunicacionais contemplados na pesquisa. Para tal, neste terceiro capítulo, iniciam-se as reflexões teórico-conceituais acerca da comunicação, que é introduzida por um breve resgate da conceituação da comunicação. No primeiro subcapítulo, são destacadas as noções sobre o que é a comunicação e como ela se constrói como pano de fundo do relacionamento humano são feitas sob a ótica de Baldissera (2004, 2007 e 2009) e França (2001). Seguido da inserção da conceituação dos termos mídia e acontecimento, ainda com o aporte referencial de França (2001 e 2012), com as circunstâncias do trabalho é realizada logo em seguida.

A última década tem sido marcada por diversos eventos político-sócio-ambientais, com discussões relevantes, as quais, com a difusão da *internet*, deslocam-se para o campo do binarismo. A pandemia, desde as iniciais discussões acerca da origem do vírus, das maneiras de tentativa de contenção, controle e combate, e depois pelo desenvolvimento da vacina, foi acompanhada pelo dualismo de opiniões. Para a discussão acerca da função do jornalismo em relação ao interesse público nessa conjuntura, destacam-se Gomes (2015), Gomes e Dourado (2019) e Rudnicki; Kegler e Zanchi (2017).

Uma recapitulação conceitual de polarização na esfera digital, apoiada principalmente nas contribuições de Silva (2019), SORJ, et al. (2018) e Gomes (2016), se faz necessária para o entendimento dos assuntos posteriormente mencionados na fase de análise desta pesquisa. Ao analisar o material publicado especificamente digitalmente por um portal de notícias,

torna-se imprescindível a reflexão acerca dos fenômenos de *fake news*, desinformação e infodemia. Para tal, enfatiza-se as contribuições conceituais de Wardle e Derakhshan (2017), Massarani et al. (2021) e, novamente, Gomes e Dourado (2019).

Dessa forma, por último, tem-se as considerações envolvendo diretamente as questões de comunicação, os fenômenos citados acima e a saúde pública. A forma com que a mídia reflete nas ações da vida cotidiana, de certa maneira, já se tornou um assunto de natureza trivial no campo da comunicação. Ainda assim, para a compreensão da cobertura midiática dos acontecimentos adjacentes a pandemia da Covid-19 é necessária essa reflexão conceitual.

### 3.1 A MÍDIA E O JORNALISMO NO ÂMBITO DIGITAL

A comunicação - e, nesse sentido, a mídia e o jornalismo - são constituídos e desenvolvidos por pessoas. Por isso, se modificam conforme as mudanças ocorrem com o passar do tempo, se adequando a novos formatos e demandas. Para analisar a maneira com a qual a vacinação foi retratada por um portal de notícias no âmbito digital, é necessário que se discuta as complexidades envolvidas nesse panorama. A abertura dessa discussão se dá principalmente pela dificuldade de analisar as circunstâncias sociais contemporâneas sem que se mencione os meios de comunicação e os fluxos de informação (FRANÇA, 2001, p.5).

Dessa forma, apresenta-se nesse subcapítulo as noções sobre a comunicação sob a perspectiva da construção de relações e da participação de todas as partes para o funcionamento dessa cadeia. Logo, integra-se essa discussão com o advento da comunicação no espaço digital, assim como as dificuldades e os benefícios que a mídia jornalística enfrenta nesse contexto.

#### 3.1.1 Noções sobre a comunicação

O conceito de comunicação não é sempre objetivo e encontra-se divergência entre diferentes autores da área. Para esse trabalho, cabe entender a comunicação como “processo de construção e disputa de sentidos” (BALDISSERA, 2004, p. 128). Nessa perspectiva, pressupõe-se que a comunicação é caracterizada pela exigência do estabelecimento de relação entre pelo menos duas partes, mesmo que esse relacionamento seja mínimo.

Compreende-se, então, que a comunicação encontra-se no “processo e lugar em que os sentidos (efeitos de sentidos) são postos em circulação e que atualiza sujeitos em relações de

forças dialógico-dialético-recursivas.” (BALDISSERA, 2007, p. 237). Ainda segundo Baldissera,

[...] ao estabelecer comunicação, os sujeitos exercessem como forças em relação (toda relação é relação de forças, segundo Foucault (1996, p. 75)) e que essas relações de forças consistem em disputas dos sentidos em movimento no processo comunicacional. Assim, consciente e/ou inconscientemente, os sujeitos disputam os sentidos que circulam na cadeia de comunicação, seja para apropriarem-se deles, seja para levar o(s) interlocutor(es) (a outra(s) força(s) em relação) a internalizá-los conforme seus desejos. (BALDISSERA, 2009, p. 3)

Ao visualizar a comunicação humana como um processo de relação entre sujeitos que é estabelecido sob a disputa de sentidos sob a ótica de um portal de notícias, abrem-se ainda mais possibilidades. Um noticiário é atravessado por disputas internas que se encontram no campo moral e ético, uma vez que constituídas entre partes comunicacionais como a publicidade, a mercadológica, institucional e o próprio jornalismo. Nesse sentido, os sentidos já são uma vez disputados antes mesmo da comunicação da mensagem ao interlocutor.

O entendimento mais complexo da comunicação não permite que o processo seja observado somente até o momento em que a mensagem é passada. Isso porque, conforme França (2001, p. 15), o processo comunicacional é uma ação de partilha e troca, não podendo ser resumida a um mero método de transmissão de mensagem. Dessa forma, a comunicação é entendida como um processo de via de mão dupla, que carrega uma mensagem que será interpretada pelo sujeito interceptor.

Nessa direção, a maneira com a qual a comunicação é internalizada pelo interlocutor produz os significados (BALDISSERA, 2009). Esses significados foram transformados durante o processo comunicacional, uma vez que os sentidos primários são frutos das disputas do sujeito - essas que seguem o seu próprio contexto psíquico-histórico-sócio-culturais - até que sejam compreendidos e internalizados pelos interlocutores que também carregam suas noções e seus pensamentos individuais suportados pela vivência própria.

Trazendo essa visão para a análise realizada neste trabalho, a mensagem transmitida por um portal de notícias pode - e provavelmente vai - gerar uma série de diferentes significados. Isto é, a cada interlocutor - no caso, os leitores do noticiário - dispõe-se de uma vivência única e pessoal, carregando ideologias e crenças próprias baseadas nas experiências vividas. Essa afirmação é importante para a corroboração da ideia de que a apreensão de cada

conteúdo comunicado é submetido tanto ao contexto e lugar de fala do portal de notícias, quanto à internalização realizada por cada leitor.

De acordo com França (2001, p. 16), a comunicação encontra-se na intersecção de três dinâmicas, “o quadro relacional (relação dos interlocutores); a produção de sentidos (as práticas discursivas); a situação sócio-cultural (o contexto).”. A produção de sentidos mencionada por França (2001) relaciona-se com a ideia de que os sujeitos não apenas dizem, mas também, ao comunicar, “assumem papéis e se constroem socialmente”. Ou seja, ao decidir comunicar-se, existe a responsabilidade de assumir um papel socialmente - tema que será discutido com maior profundidade no próximo item, pela forma que é evidenciado quando se tem como um dos sujeitos um portal de notícias.

### **3.1.2 A mídia e o jornalismo digital**

Seguindo a lógica da conceituação da comunicação elaborada no item anterior, a mídia, em conformidade com o que afirma França (2012, p. 11) são os meios de comunicação através dos quais estabelecemos relação uns com os outros. A palavra mídia, por etimologia do latim, quer dizer “meios”, esses que levam e trazem informações e mensagens. Através da mídia foi e é impossível atingir públicos imensos, sem restrições geográficas e ao mesmo tempo (FRANÇA, 2012). Foi com o advento de novas tecnologias, e com novas formas de se comunicar subsequentes, que essa comunicação feita para as massas começou a ser modificada.

A mídia, ou seja, os meios de comunicação mais contemporâneos trouxeram consigo novas possibilidades. Se antes a ideia era trocar a ideia era de uma comunicação que serviria apenas para emitir uma mensagem, atualmente existe a integração entre sujeitos que interagem entre si. A convergência entre a sociedade e a mídia é tanta que, para Vera França (2012, p. 11) a “mídia faz parte da sociedade”. Ou seja, já não é mais possível desvincular os meios de comunicação que fazem circular as informações, imagens e mensagens de seus interlocutores.

Para além de modificar a maneira com que a comunicação é realizada atualmente, as mudanças decorrentes da internet e do estabelecimento das redes sociais também mudaram a dinâmica em relação ao fluxo comunicacional. Nesse sentido, segundo França,

O excesso de informação e a velocidade com que elas circulam estreitam nosso espaço de reflexão e de maturação, exigem um sistema mais aguçado de atenção

seletiva, novas formas de organização dos dados do mundo de apreensão e reação aos acontecimentos. (FRANÇA, 2012, p. 19)

Quando se fala em jornalismo e na relação entre a mídia, a internet e os acontecimentos<sup>14</sup>, amplia-se ainda mais a discussão. Isso porque os acontecimentos fazem seres humanos, como animais simbólicos que são, falarem e divagarem sobre a temática (FRANÇA, 2012). Se antes do surgimento da internet e da sociedade midiaticizada os assuntos já eram replicados, com o aumento do fluxo informacional e com a possibilidade de manifestação a qualquer momento e lugar no globo, a reação e replicação frente aos acontecimentos se intensificou.

Em relação ao vínculo indissociável entre a mídia e o acontecimento, a mídia pode ocupar diferentes papéis, dependendo da sua natureza. Tem-se tanto “um dos lugares em que surgem e se produzem acontecimentos (na sua dimensão existencial), como o espaço em que acontecimentos são repercutidos (e adquirem sua segunda vida).” (FRANÇA, 2012, p. 14). Neste trabalho, pode-se interpretar os noticiários como o lugar no qual os acontecimentos surgem e/ou são produzidos e as redes sociais, como o espaço de repercussão.

O termo acontecimento, teorizado por França, pode ser trazido para o mundo prático com o exemplo da pandemia da Covid-19. Observando a relação da mídia com um acontecimento da grandiosidade de uma pandemia como a da Covid-19 pôde-se perceber a mesma dinâmica do fluxo exagerado de informações sendo divulgadas a todo minuto sobre a temática. Informações essas que nem sempre eram verídicas ou constituídas por fatos cientificamente comprovados, o que apresenta a este trabalho os fenômenos de *fake news* e desinformação - que serão melhor conceituados no próximo subcapítulo.

Uma pesquisa intitulada como *COVID-19: Australian news and misinformation*, realizada pelo *News & Media Research Centre*, da Universidade de Canberra durante o mês de abril de 2020, constatou que mais de 70% dos australianos entrevistados afirmaram acessar portais de notícias mais de uma vez por dia desde o início da pandemia. Entende-se, portanto, uma parte da origem da demanda que foi sanada por esse fluxo de informações exagerado.

Além disso, evidencia-se a importância da garantia de noticiários comprometidos com a veracidade dos fatos divulgados, assim como com a checagem de fatos e alinhamento com

---

<sup>14</sup> Neste trabalho, entende-se o acontecimento sob a perspectiva de Vera França (2012), que o conceitua como sendo “fatos que ocorrem a alguém; que provocam a ruptura e desorganização, que introduzem uma diferença. Eles fazem pensar, suscitam sentidos, e fazem agir (têm uma dimensão pragmática). E tais ocorrências curto-circuitam o tempo linear; ocorrendo no nosso presente, eles convocam um passado e re-posicionam o futuro” (FRANÇA, 2012, p. 14).

os dados divulgados por órgãos científicos e seguros. Dessa forma, após a compreensão dos conceitos de mídia, acontecimento e do funcionamento da comunicação no âmbito digital, discute-se a seguir os conceitos de interesse público e polarização que completam o referencial teórico do trabalho.

### 3.2 CONCEITOS ACERCA DA COMUNICAÇÃO NO ÂMBITO DIGITAL

A partir da conceituação e da contextualização dos assuntos pertinentes a esse trabalho que envolvem a mídia, os acontecimentos - neste caso, a pandemia da Covid-19 - o jornalismo, encontra-se a necessidade de concentrar-se nos fenômenos subsequentes. Se o advento da *internet* e da conseqüente comunicação no campo digital gerou uma série de benefícios para as relações humanas, também acirrou problemáticas que, ao serem expostas em âmbito digital, podem ser compartilhadas e discutidas pelo mundo todo.

O agravamento se encontra, principalmente, na falta de controle sobre a veracidade das tantas notícias e dos conteúdos que contenham informações relevantes à saúde pública. De acordo com Gomes e Dourado,

[...] raramente alguém põe em dúvida hoje o fato de fake news serem criaturas essencialmente digitais. A expressão, de fato, é reservada às histórias factuais que circulam amplamente em ambientes digitais de convivência - como se designam todas as formas de digitais de redes sociais por onde circulam não apenas informações, mas também identidades e afetos - ou são distribuídas através dos social media, conjunto de dispositivos e aplicativos, mormente baseados em tecnologias móveis, por meio dos quais se compartilha conteúdo de toda natureza, de maneira ininterrupta e em situação de conexão permanente. Nesse sentido, fake news são, hoje, parte importante da dieta de informação obtida digitalmente. Não, naturalmente, porque só podemos mentir e inventar on-line, nem porque há alguma coisa inerente à vida on-line que estimula as pessoas à contrafação da informação, mas porque a crescente digitalização da vida inclui a intensa digitalização de tudo o que a vida comporta, inclusive a atividade de falsificar e alterar fatos para manipular as pessoas politicamente. (GOMES e DOURADO, 2019, p. 36)

Reflete-se, nos itens a seguir, sobre a ligação entre a mídia jornalística e as dinâmicas de comunicação contemporâneas. A discussão é realizada sob o olhar crítico requerido pelas circunstâncias que a pandemia da Covid-19 agrega.

#### 3.2.1 O interesse público e a polarização

Ao refletir sobre o alinhamento entre o papel da mídia em relação à saúde pública, depare-se com o interesse público. Isso porque, como já mencionado no capítulo anterior, a



disseminação de informação acerca de assuntos que podem ser importantes para proteger uma população ou ações que podem ser praticadas para conter o alastramento de uma doença é fundamental para o entendimento das pessoas sobre o que está acontecendo e como se proteger.

Por compreender o interesse público como interesse coletivo, que é de direito da sociedade, a vacinação contra a Covid-19 encontra-se nesse espaço. O conceito teórico de interesse público, para a comunicação, não é definido como propriedade figurativa de algum dos sujeitos na cadeia comunicacional. De acordo com Baldissera, Sartor e Rudnicki, (2015, p. 16), cada grupo integrante mobiliza discussões e argumentos a seu favor a fim de legitimar suas posições. Segundo os autores, o interesse público apresenta um

[...] sentido impreciso e “elástico”, e, por isso, tende a ser utilizada estrategicamente por diferentes grupos, para legitimar visões de mundo diversas e mesmo antagônicas entre si. O princípio do “bem comum”, base filosófica da ideia de primazia do interesse público (BOBBIO, 2012), não estabelece critérios objetivos capazes de determinar a priori qual dos argumentos em disputa num dado debate público estão alinhados ao interesse público ou a interesses privados. (BALDISSERA, SARTOR e RUDNICKI, 2015, p.16)

Nesse sentido, tem-se a responsabilidade da mídia jornalística para com o interesse público. A disputa de sentidos de (BALDISSERA, 2008) é, nesse lugar, observada na prática, uma vez que tanto a organização por trás do portal de notícias quanto o interlocutor - como ser individual -, terão seus argumentos que legitimam a visão de interesse público. Nesse sentido, segundo Wilson Gomes,

O princípio deveria, contudo, fazer-se acompanhar pela restrição, freqüentemente esquecida, de que preferir jornais a governos pressuporia assegurar que todo homem recebesse esses jornais e fosse capaz de lê-los. A substituição do modelo de jornalismo civil pelo jornalismo de partido, primeiro, e a substituição posterior deste pelo padrão do jornalismo industrial contemporâneo, situado na convergência entre as indústrias da cultura, do entretenimento de massa e da informação, põem fim a esta perspectiva. (GOMES, 2005, p. 215)

Nessa direção, admite-se que o “jornalismo industrial contemporâneo” mencionado por Gomes (2005, p. 215) está sendo pautado não só pelo objetivo de informar. Compreende-se que é um grupo organizado que coloca em pauta os assuntos de seu interesse, visto que está situado em um espaço em que forças como o entretenimento de massa e as indústrias da cultura. O interesse público, então, transforma-se, nesse espaço, no interesse de uma organização.

A problemática de inserir a saúde no campo da disputa do interesse público, é que, automaticamente, ela passa a integrar e representar um dos lados criados pela polarização de opiniões na internet. Essa lógica é justificada a partir do momento se "[...] prioriza a convicção pessoal em detrimento da racionalidade coletiva" (SILVA, 2019, p. 8). No momento em que pessoas com convicções e posições pessoais semelhantes se agrupam e enxergam em um grupo antagonista como inimigos, estabelece-se a polarização.

Além de promover o antagonismo, a polarização é um processo no qual julga-se o argumento do outro - quando em oposição - como ilegítimo (SORJ, et al., 2018, p. 29). A dinâmica da polarização, em que as ideologias políticas são colocadas em posições completamente opostas, impede a elaboração do diálogo cívico. Dessa forma, segundo SORJ, et al (2018, p. 29) “a polarização deve ser distinguida do conflito de ideias, valores e interesses, que reconhece a legitimidade de visões plurais e dissidentes sobre os mais diversos temas.”.

Esse fenômeno pôde ser observado claramente nas eleições de 2018 no Brasil, por exemplo. Na época, ameaças agressivas eram proferidas por candidatos contra seus adversários políticos diretos.<sup>15</sup> No caso da Austrália e em relação à vacinação, situação semelhante foi observada quando os grupos anti-vacina protagonizaram protestos violentos contra a decisão de tornar a vacinação mandatória no país<sup>16</sup>. Esses dois exemplos ocorreram fora do âmbito digital, porém os assuntos em pauta foram previamente - e ainda são, diariamente - inflados na *internet*.

Diferentemente das questões políticas eleitorais, ao inferir que a vacinação representa um lado da polarização, suprime-se a saúde pública - um direito social - como parte integrante da democracia deliberativa. Afirma-se isso na perspectiva de que o diálogo cívico, que inclui a consideração, mesmo que mínima, da argumentação oposta e a tentativa de encontrar meios pacíficos para os conflitos de ideias são características primordiais da democracia (SORJ, et al, 2018).

A polarização também é perigosa uma vez que coloca em dúvida qualquer informação que seja contrastante. As percepções individuais perpassam a existência - ou a falta - de fontes seguras e, a partir disso, surge a sensação de distorção em relação a mídia (GOMES, 2016, p. 12). Nesse sentido constata-se que

---

<sup>15</sup> Reportagem sobre ocorrido disponível em: <https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>16</sup> Informação disponível em: <https://www.npr.org/2021/09/21/1039301977/anti-vaccine-protesters-clash-with-police-in-melbourne-for-the-second-straight-d>. Acesso em: 10 mar. 2022.

[...] quanto mais polarizadas – em qualquer direção – forem as posições assumidas pelas pessoas em face de um certo número de questões, como aborto ou políticas sociais, mais baixa será a sua confiança na cobertura dos meios de comunicação sobre tais questões. (GUNTHER, 1988 apud GOMES, 2016, p. 12)

Os indivíduos inseridos nesse contexto estão, de fato, dispostos a acreditar apenas em notícias que reforcem a suas crenças e visões de mundo (SORJ et al, 2018, p. 13). Para tal, agrupam-se “em bolhas, nas quais a diversidade de opinião é excluída” (SORJ et al, 2018, p.13) e tudo que é originário de fora dessa bolha é visto como suspeito cuja fonte é insegura e duvidosa (RUDNICKI; KEGLER; ZANCHI, 2017, p. 18).

É também a partir desse contexto que as notícias falsas surgem e ganham espaço. As notícias que não correspondem à realidade dos fatos passam a ser produzidas visto que satisfazem o leitor que está buscando semelhança da sua percepção com o que está sendo noticiado. De acordo com SORJ et al (2018),

Esse é um ponto crítico para a circulação e o consumo de informações. Em um contexto em que as notícias mais consumidas são aquelas que servem de boas “armas” na guerra de informação entre os dois lados do campo político, tais conteúdos são a escolha perfeita dos “soldados”. (SORJ et al, 2018, p. 45)

As reflexões acerca do interesse público e da polarização presente no consumo de informações atualmente abrem precedentes para mais fenômenos oriundos da dinâmica. Nesse sentido, e para a compreensão melhor compreensão do contexto da análise, faz-se necessária a conceituação e alinhamento dos termos *fake news*<sup>17</sup>, desinformação e infodemia.

### 3.2.2 *Fake news*, desinformação e infodemia

A pandemia da Covid-19 não só gerou uma crise humanitária no sentido sanitário, socioeconômico e político. Mas, também, conforme afirmado pela OMS, uma “epidemia global de desinformação”<sup>18</sup>, o que pode agravar os já sérios problemas da saúde pública. O fluxo informacional exacerbado foi denominado pela OMS em 2018 como infodemia e é conceituado como “um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa” (OPAS, 2020).

O termo infodemia já havia sido empregado anteriormente à Covid-19 para explicar a “epidemia de rumores” proveniente de surtos de doenças infecciosas, como a SARS em 2003,

<sup>17</sup> *Fake news* é um termo em inglês amplamente utilizado com significado de notícias falsas.

<sup>18</sup> Traduzido pela própria autora. No original: global epidemic of misinformation. Disponível em: [https://www.who.int/health-topics/infodemic#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/infodemic#tab=tab_1). Acesso em: 10 mar. 2022.

H1N1 em 2009, e MERS em 2012 (OMS 2018). Entretanto, visto que a pandemia da Covid-19 acontece no tempo de uma sociedade que é marcada pela conexões e relações em rede, a epidemia de informações amplifica-se especialmente pelas redes sociais.

A preocupação com o acontecimento da infodemia durante uma crise sanitária se dá principalmente pela qualidade da informação compartilhada. Uma vez que a presença da desinformação nas cresce proporcionalmente ao crescimento da produção de conteúdo e das vias de distribuições (novas plataformas e redes sociais), o processo da infodemia fomenta o aumento da desinformação (OPAS, 2020). Nesse sentido, segundo Massarani et al.,

Essa abundância de informações pode agravar o contexto prévio de “desordem informativa” (Wardle, Derakhshan 2017), isto é, um ambiente informacional marcado pela disseminação crescente de discursos radicalizados, teorias conspiratórias e notícias falsas. Nesse cenário de desordem, a disseminação deliberada de conteúdos falsos por atores mal-intencionados convive com o compartilhamento de informações fora de contexto, distorcidas ou enganosas por pessoas que as julgam verdadeiras. (MASSARANI et al., 2021, p. 3)

No contexto da Covid-19, a infodemia pode ter agravado a pandemia em diversos aspectos, para fins deste trabalho, duas das consequências apontadas pela OPAS (2020), se complementam e ganham destaque. A primeira diz respeito à dificuldade de, no meio de tanta informação, encontrar fontes confiáveis que conduzam a população de acordo com as orientações oriundas de órgãos de saúde. A segunda refere-se ao processo de tomada de decisão individual visto que, ao ter acesso a (des)informação, pode ser adulterada.

Ao discutir sobre a disseminação de conteúdos falsos, é necessário que se faça uma categorização entre os conteúdos a fim de distinguir as motivações e intenções (GIORDANI, 2019). Dessa forma, conforme a classificação elaborada por Wardle e Derakhshan (2017), existem três categorias que compõem o contexto da “desordem informativa”, conceito mencionado pelos autores para caracterizar a dinâmica de notícias falsas. A conceituação dos termos “informação enganosa”, "desinformação" e "má-informação" é apresentada no Quadro 2.

**Quadro 2:** Categorias da desordem informativa

Informação enganosa	Informação falsa, não condizente com a realidade, mas criada sem a intenção de causar mal.
Desinformação	Informação falsa, não condizente com a realidade, empregada com a intenção deliberada de causar danos.

Má-informação	Informação baseada em fatos da realidade, mas utilizados com a intenção de causar danos.
---------------	--

Fonte: *Council of Europe*, Wardle e Derakhshan (2017). Traduzido pela própria autora.

O uso do termo *fake news* é foco de desencontro de opiniões entre autores. Wardle e Derakhshan (2017) afirmam que muitos discursos, ao se referir a *fake news*, estão na verdade se referindo a uma das categorias citadas acima. Os autores julgam, também, o termo como inadequado para se referir ao tipo de complexidade requerida pela importância do fenômeno, além de abrir precedentes para a repressão da imprensa livre (Wardle; Derakhshan, 2017).

Não obstante às contribuições dos autores, tem-se também a conceituação de Gomes e Dourado (2019). O autor faz o cruzamento entre a conceituação conhecida pelo senso comum, em que define as *fake news* como “os relatos pretensamente factuais que inventam ou alteram os fatos que narram e que são disseminados, em larga escala, nas mídias sociais, por pessoas interessadas nos efeitos que eles poderiam produzir.” (GOMES e DOURADO, 2019, p. 35), com a questão da mídia jornalística. Segundo o autor,

A escolha da expressão “fake news”, contudo, acrescenta outra característica, advinda da noção de “news” (notícia), à ideia já conhecida de relatos que se reivindicam factuais, mas que praticam a contrafação de inventar ou alterar os fatos a que pretensamente se referem. Com esta expressão se põe, ademais, ênfase considerável no fato de que não se trata de quaisquer narrativas factuais, mas de relatos jornalísticos, de histórias do noticiário. Com isso, se implica, aqui, a autoridade e a credibilidade da instituição do jornalismo e dos seus processos de produção de relatos autorizados e dotados de credibilidade sobre os fatos da realidade. Não são quaisquer relatos falsos, mas contrafações do próprio jornalismo. (GOMES; DOURADO, 2019, p. 35)

Nesse sentido, segundo Rudnicki, Kegler e Zanchi (2017, p. 18), “espera-se que a produção de notícias (a prática jornalística) seja imparcial. Espera-se, também, que a produção da notícia seja a partir da sociedade, que o interesse público seja uma força motora do jornalismo”. Isso não só porque se enxerga o jornalismo como uma atividade essencialmente relacionada à produção de relatos factuais mas, também, por considerar o jornalismo “o lugar por antonomásia das narrativas factuais sobre a atualidade, sobre o que está acontecendo no mundo, particularmente, no mundo político, neste momento” (GOMES; DOURADO, 2019, p. 36).

Diante disso, observa-se uma ambiguidade paradoxal das relações em rede em relação a mídia jornalística. Se, por um lado, existe a exigência do jornalismo imparcial e de uma prática veiculada com a factualidade; tem-se, em decorrência da polarização, que todo o

conteúdo produzido é questionado ao primeiro sinal de conflito de ideias e opiniões, mesmo que amparado de fontes seguras.

## 4 A COBERTURA JORNALÍSTICA DA VACINA PELO NOTICIÁRIO 9NEWS EM MEIO À ONDA DE DESINFORMAÇÃO

Na transição do ano de 2019 para o ano de 2020, os portais de notícias por todo o mundo concentraram sua atenção para o surgimento do SARS-CoV-2 e para a rapidez com que o vírus atingia novos países. Da mesma forma, a busca por um imunizante que freasse a contaminação da Covid-19 e protegesse a população mundial gerou expectativa em relação ao mundo científico.

Desde o começo da pandemia, uma quantidade alarmante de informação surgia diariamente e como apontado no capítulo anterior, pouco se sabia sobre a veracidade do que era publicado e lido na *internet*. Dessa forma, o que se espera de portais de notícias que se auto-declaram sérios é que levem informações verídicas e com fontes seguras acerca dos acontecimentos.

Neste capítulo, então, objetiva-se analisar a cobertura jornalística realizada pelo portal de notícias australiano 9NEWS sobre a vacinação contra a Covid-19. Para isso, apresenta-se, inicialmente, a empresa *Nine Network*, detentora do noticiário, sua atuação digital e o seu posicionamento em relação à Covid-19. Em seguida, são evidenciados os procedimentos metodológicos e, por fim, a análise de conteúdo da cobertura jornalística sobre a vacinação.

### 4.1 O 9NEWS E SEU POSICIONAMENTO JORNALÍSTICO PARA COM A COVID-19

A *Nine Network*, subsidiária da *Nine Entertainment*, é uma das principais redes de televisão na Austrália. A *Nine News* é a divisão de notícias da organização e se auto-intitula, em seu *site* oficial<sup>19</sup>, como a fonte de notícias e atualidades mais confiável no país. Atuando como o portal de notícias digital da *Nine News*, tem-se a *9News*, que conta com mais de 9,4 milhões<sup>20</sup> de acessos mensais e é o canal de comunicação a ser analisado no presente estudo.

Uma análise realizada pelo *Media Bias/Fact Check*<sup>21</sup>, um *site* de checagem de notícias e diagnóstico do viés político dos portais de notícias, identifica o *9News* com inclinação para a centro-direita, com base em suas posições editoriais e no teor das histórias selecionadas para veiculação. Além disso, na categoria “verificação de fatos limpos”, em que os noticiários são avaliados entre 6 níveis que vão de muito baixo a muito alto, o *9News* foi identificado como

---

<sup>19</sup> Para mais informações ver: <https://www.9news.com.au/about-us>. Acesso em: 28 fev. 2022.

<sup>20</sup> Para mais informações ver: <https://www.nineforbrands.com.au/core-content/9news-com-au/>. Acesso em: 28 fev. 2022.

<sup>21</sup> Informação disponível em: <https://mediabiasfactcheck.com/9-news-australia/>. Acesso em: 28 fev. 2022.

nível alto, o quinto maior, “devido ao fornecimento adequado e um registro de verificação de fatos limpo”, como pondera a análise.

A primeira notícia veiculada pelo portal sobre a Covid-19 foi em 09 de janeiro de 2020, relatando que uma “doença chinesa misteriosa”<sup>22</sup>, em tradução livre, havia sido identificada. Nesta reportagem, relata-se a possível descoberta de um novo tipo de coronavírus e são descritos os meios de transmissão dessa família de vírus, conforme a Figura 2, abaixo.

**Figura 2:** Primeira reportagem sobre a Covid-19 publicada no *9News*.

The image shows a screenshot of a news article from 9News. At the top, it says 'News / Health'. The main headline is 'Mystery Chinese illnesses cause identified'. Below the headline, it says 'By AAP | 7:12pm Jan 9, 2020'. There are three social media sharing buttons: 'Tweet', 'Facebook', and 'Mail'. The article text begins with: 'A preliminary investigation into viral pneumonia illnesses sickening dozens of people in and around China has identified the possible cause as a new type of coronavirus, state media said Thursday.' It continues with: 'Chinese health authorities did not immediately confirm the report from state broadcaster CCTV.' The next paragraph states: 'Coronaviruses are spread through coughing or sneezing or by touching an infected person. Some cause the common cold and others can lead to more severe respiratory diseases, such as SARS and MERS. Such viruses are common in people but more exotic versions from bats, camels and other animals have caused severe illness.' The following paragraph says: 'The novel coronavirus is different from those that have previously been identified, CCTV said. Health authorities ruled out SARS and MERS as possible causes over the weekend.' The next paragraph reads: 'As of Sunday, the Wuhan Municipal Health Commission said 59 people in the central Chinese city were being treated for the respiratory illness. Seven were in critical condition, while the rest were stable.' The following paragraph states: 'Eight patients were discharged Wednesday, Xinhua state news agency reported. They had not exhibited any pneumonia symptoms for several days.' The final paragraph says: 'Chinese researchers used a sample from one patient to conduct gene sequencing of the virus, said Gauden Galea, a World Health Organization representative to China.'

Fonte: 9News, 2020

Nos meses seguintes, o 9News criou, então, uma aba de busca de notícias em seu *website* para facilitar o encontro de informações sobre a pandemia da Covid-19. No dia da primeira coleta de dados, 15 de dezembro de 2021, foram contabilizadas 249 páginas de

<sup>22</sup> Informação disponível em:

<https://www.9news.com.au/health/mystery-chinese-illnesses-cause-identified/428b4e87-26cc-4805-855e-e8cee9f7b170>. Acesso 28 de fev. 2022.



notícias envolvendo a doença. Ao selecionar a aba denominada "Coronavírus", encontra-se um texto introdutório (Figura 3) sobre a Covid-19, com um breve cronograma das datas relevantes, como a classificação de pandemia pela OMS. Ao final do texto, lê-se “consulte a navegação do *site* para obter informações importantes sobre saúde e segurança para manter você e sua família seguros.”<sup>23</sup>. Posteriormente, com o mesmo objetivo, uma aba foi desenvolvida para as notícias sobre a vacina, essa com 37 páginas até o dia em que a coleta de dados foi realizada.

**Figura 3:** Aba especial de notícias sobre a Covid-19.

9NEWS Your location: SYDNEY

National Latest Coronavirus World Videos Live<sup>2</sup> Today Show A

LIVE BLOG COVERAGE UKRAINE PEACE TALKS END WITH NO DEAL  
EXTREME WET WEATHER FUNNELLING SOUTH

WATCH LIVE ROLLING COVERAGE OF FLOODS CRISIS ON 9NOW

WATCH LIVE Queensland Premier provides flood update

News / Health / Coronavirus

**CORONAVIRUS NEWS UPDATES**

Live News Daily Scott Morrison Updates NSW VIC QLD WA SA

Coronavirus disease '**COVID-19**' is a type of coronavirus that caused a global outbreak. The disease causes respiratory illness and symptoms include pneumonia and bronchitis. It can be caught from viral particles and be detected through cough, difficulties to breath and fever. These symptoms can appear as far as 14 days after exposure.

It was first reported to the [World Health Organisation \(WHO\)](#) as a pneumonia of unknown cause in Wuhan, China on 31 December 2019. Further investigations led WHO to declare a [global health emergency](#) on 30th of January 2020. Prime Minister [Scott Morrison](#) activated an [emergency response plan](#) on 27th February as it entered a pandemic phase. On 12 March 2020 [WHO declared COVID-19 a global pandemic](#).

The outbreak has impacted significant aspects of everyday lives including travel, work, entertainment such as sporting events, concerts and festivals cancelled, education and school closures, economy, financial markets and fears of a recession.

See the site navigation above for important health and safety information to keep you and your family safe. Check this page for latest news updates and breaking headlines on the coronavirus 'COVID-19'. A historical timeline of events can be viewed on the [WHO website](#).

**Victoria's COVID-19 cases slightly up as thousands return to the office**  
Victoria has recorded a slight increase in its daily

Fonte: 9News, 2022.

Após a compreensão acerca do 9News, pela apresentação da organização, assim como o posicionamento por eles estabelecido, apresentam-se, a seguir, os processos metodológicos utilizados para em todo o processo que resultou na análise final deste trabalho.

<sup>23</sup> Traduzido pela própria autora. No original: See the site navigation above for important health and safety information to keep you and your family safe.

## 4.2 QUESTÕES METODOLÓGICAS

A fim de analisar as estratégias empregadas pelo portal de notícias australiano *9News* retratou a vacinação contra a Covid-19, a partir do conteúdo das manchetes das notícias sobre a temática publicadas no *site*, foi escolhida a Análise de Conteúdo (AC) como metodologia. A AC, sob a perspectiva de Bardin (1997, p. 38) refere-se a “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza precedentes sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.”.

Aliado ao uso da AC, adota-se a Teoria Fundamental nos Dados (TFD) como a teoria guiadora da pesquisa. Um estudo qualitativo, que é possibilitado por ambas, pode “[...] ser usado para obter detalhes intrincados sobre fenômenos como sentimentos, processos de pensamentos e emoções que são difíceis de extrair ou descobrir por meio de métodos de pesquisa mais convencionais" (STRAUSS E CORBIN, 2008, p. 24).

Utiliza-se da técnica de pesquisa documental e bibliográfica sobre o *9News* e a vacina. A pesquisa teve caráter exploratório, sob a perspectiva de Gil (1999), uma vez que realiza-se um estudo preliminar ao principal objetivo da pesquisa que está sendo realizada, a fim de familiarizar-se com a temática em investigação. Essa pesquisa foi realizada tanto sobre a temática da vacina, quanto na observação objetiva do *site* [9news.com.au/](http://9news.com.au/).

Segundo Strauss e Corbin (2008, p. 25), por Teoria Fundamentada entende-se “a teoria que foi derivada dos dados, sistematicamente reunidos e analisados por meio de processo de pesquisa”. Isto é, os autores compreendem que a análise dos dados feita previamente a criação de teorias e conceitos faz-se necessária para que os resultados da pesquisa sejam mais factuais, isto é, fundamentados.

Dessa forma, tem-se os procedimentos de análise - cujos utilizados no presente estudo serão destrinchados nos parágrafos a seguir - que permitem uma codificação sistemática dos dados, para que, por fim, seja gerada uma teoria. O foco, porém, está nos dados e nos procedimentos utilizados para os codificar e analisar.

A partir disso seguiu-se, então, o método posto por Bardin (1977), em que a AC organiza-se em três pólos cronológicos: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material e 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Combina-se com a TFD de Strauss e Corbin (2008), que é também constituída por três elementos: 1) os dados; 2) os procedimentos, os quais consistem em conceitualizar e reduzir os dados, elaborar categorias em termos e relacioná-los; 3) os relatórios escritos e verbais - os três elementos listados coincidem com os objetivos específicos destacados na introdução deste trabalho.

Sendo assim, inicialmente, tem-se a pesquisa exploratória do objeto que serve como temática da pesquisa, a vacina, assim como documental e bibliográfica do objeto sob análise, o *9News*. A fim de compreender mais profundamente o noticiário e sua atuação e, posteriormente, responder ao primeiro objetivo específico da pesquisa, “Mapear as notícias veiculadas no portal de notícias *9News* sobre vacinação”, a pesquisa documental no *site* do portal de notícias fez-se necessária.

No período de pré análise, objetiva-se sistematizar as ideias, tornando-as operacionais iniciais (BARDIN, 1977, p. 95). Dessa forma, antes de levantar dados e informações a fim de formar o corpo da análise, foi necessário compreender o posicionamento da organização por trás do portal de notícias, a *Nine Network*. Para isso, foi realizada uma pesquisa no *site* direcionado para as empresas<sup>24</sup>, o [nineforbrands.com.au/](https://www.nineforbrands.com.au/) que buscam desenvolver parceria e trabalhar com os diversos segmentos da empresa e no site de checagem de notícias *Media Bias/Fact Check*.

O *9News*, de acordo com a descrição encontrada no *Nine For Brands*, é desenvolvido em cima de três pilares: entregar as reportagens ao vivo, rápido e gratuitamente<sup>25</sup>. Além disso, ao descrever os valores do noticiário, o maior é a confiança. Dessa forma, afirma-se que, por priorizar trazer reportagens com dados precisos e verdadeiramente informativos, os jornalistas preferem estar certos, do que serem os primeiros.<sup>26</sup>

A maneira como o *9News* é apresentado é muito significativo, principalmente em contexto de pandemia. Transmitir confiança para o público, em um momento de tantas incertezas requer seriedade e cuidado por parte daqueles que se dispõem ao papel de transmitir dados concretos e precisos. A disseminação de informações científicas se encaixa exatamente nesse lugar, quando necessita-se responsabilidade ao noticiar reportagens acerca da transmissão do SARS-CoV-2, das medidas de prevenção e da vacina.

Nesse sentido, a pesquisa busca analisar, mais especificamente, as manchetes utilizadas pelo jornal *9News* em reportagens sobre a temática da vacina. Para a coleta de dados, utilizou-se a aba de pesquisa sobre a vacina, encontrada em [9news.com.au/vaccine](https://9news.com.au/vaccine). Inicialmente, no processo de leitura flutuante, todas as manchetes encontradas na aba em questão, no período entre janeiro de 2020, mês em que a primeira reportagem da seção foi publicada, e junho de 2021, quando o imunizante Astrazeneca passou a ser administrado sem

---

<sup>24</sup> Informação disponível em: <https://www.nineforbrands.com.au/>. Acesso em: 01 mar. 2022.

<sup>25</sup> Informação disponível em: <https://www.nineforbrands.com.au/core-content/9news-com-au/>. Acesso em: 01 mar. 2022

<sup>26</sup> Traduzido pela própria autora. No original: Our team of journalists do the leg work to bring you stories that are accurate and informative. We would rather be right, than first.

limitação de idade foram listadas. Foram levantadas 231 manchetes de acordo com as características pré-selecionadas.

Os procedimentos, mencionados por Strauss e Corbin como segundo elemento de constituição da pesquisa qualitativa encontram-se, neste trabalho, nos processos de ordenamento conceitual e codificação dos dados. Por ordenamento conceitual, os autores referem-se à

[...] organização de dados em categorias discretas (e algumas vezes, classificações) segundo suas propriedades e dimensões e depois usando a descrição para elucidar essas categorias. [...] Os pesquisadores tentam entender seus dados organizando-os segundo um esquema classificatório. No processo, itens são identificados a partir dos dados e são definidos de acordo com as suas propriedades e dimensões gerais. Ao apresentar essas interpretações dimensionalizadas, os pesquisadores estão quase certos de apresentar várias quantidades de material descritivo usando uma variedade de estilos comunicativos. (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 32)

No decorrer do levantamento, os dados foram constantemente analisados. As comparações entre as manchetes eram elaboradas no momento em que essas eram listadas. Este processo fundamenta diretamente a construção das classificações mais específicas do objeto em questão (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 91) e é um dos principais procedimentos da TFD de acordo com os autores. Nesse momento, o segundo objetivo específico, “Detectar as estratégias empregadas nas manchetes do noticiário analisado”, começa a ser respondido.

À medida com que o levantamento e análise de dados acontecem simultaneamente à análise comparativa, é iniciado o processo de codificação aberta. Nesse momento da análise, a preocupação está em “gerar categorias e propriedades e depois tentar determinar como as categorias variam dimensionalmente” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 143). Isso ocorre porque é nesse momento em que os agrupamentos a partir de similaridades e diferenças entre as manchetes é visualizada.

Como resultado da análise inicial, o primeiro quadro foi formulado a partir das repetições de conceitos nos textos. Nele, dois grupos de categoria de análise foram formados, a primeira sendo “Negacionismo” e a segunda “Conscientização”, e logo, três subcategorias foram elaboradas para atender a demanda de maior especificação entre as manchetes, “ideológico”, “de cansaço” e “de otimismo”.

A primeira categoria, “Negacionismo”, relacionava-se com a negação das evidências científicas. Essas que, em contexto de pandemia da Covid-19, dizem respeito a doença e as medidas estabelecidas pelos governos em todo mundo para tentar desacelerar o número de contágios e mortes causados pelo vírus. Adotou-se “Negacionismo Ideológico” como

primeira subcategoria que englobou o sentido inicial, o do desprezo pelas evidências científicas. Para atender a carência de uma segunda subcategoria que abrangesse a fadiga e a falta de esperança para com a pandemia, as medidas de segurança e a vacinação, elaborou-se “Negacionismo de Cansaço”.

Seguindo o mesmo processo, a segunda categoria, “Conscientização”, foi estabelecida pela existência das manchetes que evidenciaram as informações de proveniência oficial. Essas notícias, além de serem constituídas com fontes seguras, promovem certo nível de educação ou conscientização acerca da vacina e/ou medidas de prevenção contra a Covid-19. Novamente, apenas ao decorrer da coleta de dados e análise inicial, percebeu-se a necessidade de dividir em duas subcategorias e, então, resultou na elaboração de “Conscientização Ideológica” e “Conscientização de Otimismo”. A primeira dizia respeito a questões ligadas diretamente com a ciência e estabelecimentos legais do governo, e a segunda com a esperança e questões mais emocionais envolvendo a vacina.

Percebeu-se, também, que, por mais que as notícias encontravam-se na aba “Vacina”, algumas não citam diretamente a temática nas manchetes. Além disso, das 231 manchetes pré-selecionadas, 54 não seguiam nenhuma repetição e, portanto, não foram categorizadas. Uma segunda observação objetiva, em conjunto com a orientadora e a co-orientadora do trabalho, foi realizada em busca de encontrar novas categorias que abarcassem as manchetes ainda não categorizadas.

Ao realizar o levantamento e a análise de dados propriamente, encontra-se o caminho de uma análise criativa, uma vez que a liberdade de modificar e redirecionar o estudo é a forma com que Strauss e Corbin (2008, p. 65) descrevem a análise como não sendo um processo rígido, mas sim “livre e criativo, no qual os analistas se movem rapidamente para frente e para trás entre os tipos de codificação, usando técnicas e procedimentos analíticos livremente”.

Nesse processo, 17 manchetes foram eliminadas por não citarem a temática vacina contra a Covid-19 diretamente. Ao realizar a técnica de comparação de semelhanças e diferenças nas 214 restantes, foram desenvolvidas 6 categorias. Seguiu-se com “Negacionismo” e “Conscientização” e as subcategorias “Cansaço” e “Otimismo” viraram categorias com “Cansaço/Descrença” e “Otimismo/Esperança”. Foram acrescentadas “Interesse público” e “Insegurança”. Um maior aprofundamento sobre cada categoria será elaborado no próximo subcapítulo, juntamente com a apresentação dos resultados.

Concomitantemente aos processos de levantamento de dados e elaboração de conceitos, é também imperativo que se estabeleça um alinhamento entre as duas ações. A

organização dos dados em relação às categorias desenvolvidas é parte do do que é denominado como Categorização Seletiva na TFD (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 145). Os autores afirmam que nessa etapa se “reduz dados de muitos casos em conceitos e em conjuntos de declarações relacionais que podem ser usados para explicar, em sentido geral, o que está acontecendo” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 145),

Essas reflexões abrem precedentes para a elaboração de uma resposta para o último objetivo específico “Refletir sobre o papel da comunicação para a promoção da conscientização da vacinação”, que será melhor discutido juntamente a análise, no próximo item. O terceiro elemento da AC, em que “os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos” (BARDIN, 1977, p. 101), refere a última etapa da pesquisa. Após a reduzir os dados em categorias e observá-las, é o momento de integrar o que foi analisado e tratar dos resultados.

A seguir apresenta-se a análise das estratégias propriamente ditas a fim de atender ao objetivo principal do trabalho: “Analisar como a vacinação contra a pandemia da Covid-19 foi apresentada pelo jornal australiano *9News*”.

#### 4.3 ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS MANCHETES VEICULADAS PELO *9NEWS* SOBRE A VACINAÇÃO

Como explicado anteriormente, as manchetes foram selecionadas pelo seu envolvimento com o objeto de análise, a vacinação contra a Covid-19. Os termos encontrados durante o mapeamento, que definiram a coleta de dados foram: “*vaccine*”, “*jab*”, “*Covid-19 blocker*”, “*Coronavirus immunity*”, “*anti-vaxxers*”, “*vaccination*”, “*Covid-19 antibodies*”, “*AstraZeneca*”, “*Pfizer*”, “*Moderna*” e “*Johnson & Johnson*”.

As categorias de classificação foram desenvolvidas em relação à repetição de palavras e termos e na semelhança entre as manchetes. Assim, após a leitura flutuante e a análise dos textos, apresenta-se, a seguir, as categorias e suas especificações:

1) “Otimismo/Esperança”, é identificada em manchetes nas quais não são encontradas informações científicas, porém carregam expectativa e otimismo em relação à vacina, seu processo de desenvolvimento e distribuição. É uma categoria com apelo mais emocional e pode ser identificada em manchetes como “Vacina contra a Covid-19 de Queensland mostra resultados promissores em testes<sup>27</sup>” (*9News*, 2020), “Testes iniciais da vacina contra a

---

<sup>27</sup> Traduzido pela própria autora. No original: Queensland COVID-19 vaccine shows promising test results.

Covid-19 da Moderna mostram resultados positivos”<sup>28</sup> (*9News*, 2020) e “Com o início dos testes em humanos, a vacina australiana contra o Coronavírus pode estar pronta até o final do ano”<sup>29</sup> (*9News*, 2020). Ao todo, 38 textos foram considerados constituintes da categoria.

2) “Cansaço/Descrença”, em que classificam-se 13 manchetes nas quais, novamente, não foram encontradas informações científicas, mas, tampouco teor desinformativo. Encontra-se, pois, textos com conteúdos que transparecem descontentamento, falta de esperança e aborrecimento em relação a vacinação. Foram observadas com mais frequência ao tratarem de uma possível demora para o desenvolvimento da vacina, como em “Coronavírus: vacina contra a Covid-19 está ‘pelo menos um ano distante’”<sup>30</sup> (*9News*, 2020), “Em ‘pior caso’, vacina contra a Covid-19 nunca é encontrada” (*9News*, 2020) e “O que acontece se uma vacina contra o coronavírus nunca for desenvolvida?”<sup>31</sup> (*9News*, 2020)

Ainda expressando falta de esperança e aborrecimento, foram identificadas manchetes que direcionaram o descontentamento o posicionamento do governo australiano perante a vacinação, como em “Por que a Austrália não tem pressa para aprovar uma vacina contra a Covid-19?”<sup>32</sup> (*9News*, 2020) e “Austrália deve perder o prazo de vacinação prometido em outubro”<sup>33</sup> (*9News*, 2021).

3) “Interesse Público”, foi elaborada para abarcar as manchetes que não continham teor positivo ou negativo em relação à vacina. Foram identificados 33 textos em que o conteúdo serviu ou como divulgação de pesquisas nacionais, exemplos são: “Coronavírus: Universidade de Queensland pede doações para ‘acelerar’ a vacina contra a Covid-19”<sup>34</sup> (*9News*, 2020).

Além disso, manchetes que continham informações sobre o trabalho do governo em relação a vacinação, também foram adicionadas à categoria “Interesse Público”. Exemplos podem ser observados em: “Vacina contra o coronavírus: o recrutamento de candidatos saudáveis começa com a expectativa de iniciar os testes humanos dentro de semanas”<sup>35</sup> (*9News*, 2020) ou então com manchetes que eram formuladas de perguntas que teriam o

<sup>28</sup> Traduzido pela própria autora. No original: Early testing from Moderna coronavirus vaccine trial show positive results.

<sup>29</sup> Traduzido pela própria autora. No original: Australian coronavirus vaccine could be ready by end of year as human trials begin.

<sup>30</sup> Traduzido pela própria autora. No original: Coronavirus: COVID-19 vaccine 'at least a year away.

<sup>31</sup> Traduzido pela própria autora. No original: What happens if a coronavirus vaccine is never developed?.

<sup>32</sup> Traduzido pela própria autora. No original: Why Australia is not rushing to approve a COVID-19 vaccine.

<sup>33</sup> Traduzido pela própria autora. No original: Australia set to miss promised October vaccination deadline.

<sup>34</sup> Traduzido pela própria autora. No original: Coronavirus: University of Queensland calls on donations to 'fast-track' COVID-19 vaccine.

<sup>35</sup> Traduzido pela própria autora. No original: Coronavirus vaccine: Recruitment for healthy candidates begins with human trials expected within weeks.

objetivo esclarecer os acontecimentos ligados à vacina para a população, como em “O que você precisa saber sobre a vacina contra a Covid-19 da Universidade de Oxford?”<sup>36</sup> (*9News*, 2020) e “Uma vacina obrigatória é possível? Suas perguntas sobre as vacinas respondidas” (*9News*, 2020)<sup>37</sup>.

4) “Insegurança” foi a segunda mais identificada com 43 manchetes. Por mais que não exprima viés negacionista diretamente, uma vez que não colabora com a disseminação de notícias falsas, faz parte do que se conceituou como má informação, uma vez que os textos são baseados em fatos da realidade, mas as estratégias utilizadas ao redigi-las, dissemina um o sentimento de insegurança.

O conteúdo dos textos identificados nessa categoria não promove segurança e confiança a respeito da vacina. Exemplos como “Johnson & Johnson pausam testes da vacina contra a Covid-19 devido a ‘doença inexplicável’”<sup>38</sup> (*9News*, 2020) e “Reino Unido investiga se reações alérgicas estão ligadas à vacina contra a Covid-19 da Pfizer”<sup>39</sup> (*9News*, 2020), contém narrativas que podem causar insegurança na população.

As manchetes que continham conteúdos que indicavam diretamente desprezo e negação quanto à vacina, foram categorizadas em “Negacionismo”. Exemplos como “‘Um erro atrás do outro’: Como a AstraZeneca passou de heroína a vilã da pandemia”<sup>40</sup> (*9News*, 2021) e “‘Meio milhão’ de tubarões podem ser mortos enquanto mundo corre em busca de uma vacina contra a Covid-19.”<sup>41</sup> (*9News*, 2020) demonstram como as 10 notícias identificadas desenvolvem uma narrativa negativa e não seguem fatos científicos em relação às imunizantes que justifiquem a sua publicação.

5) “Conscientização”, a mais recorrente categoria com 78 ocorrências. Ao contrário das últimas duas, os textos das manchetes detectadas aqui promovem a segurança da vacina, assim como se utilizam de dados científicos. Além disso, exalta-se a importância da vacinação, encorajando a população a vacinar-se. Exemplos como “Corrida global para encontrar a vacina contra a Covid-19 que servirá como ‘arma mágica’ para impedir a

<sup>36</sup> Traduzido pela própria autora. No original: What you need to know about the Oxford University COVID-19 vaccine.

<sup>37</sup> Traduzido pela própria autora. No original: Is a compulsory vaccine possible? Your vaccine questions answered.

<sup>38</sup> Traduzido pela própria autora. No original: Johnson & Johnson pauses COVID-19 vaccine trial due to 'unexplained illness'.

<sup>39</sup> Traduzido pela própria autora. No original: UK probing if allergic reactions linked to Pfizer COVID-19 vaccine.

<sup>40</sup> Traduzido pela própria autora. No original: ‘One mistake after the other’: How AstraZeneca went from pandemic hero to villain

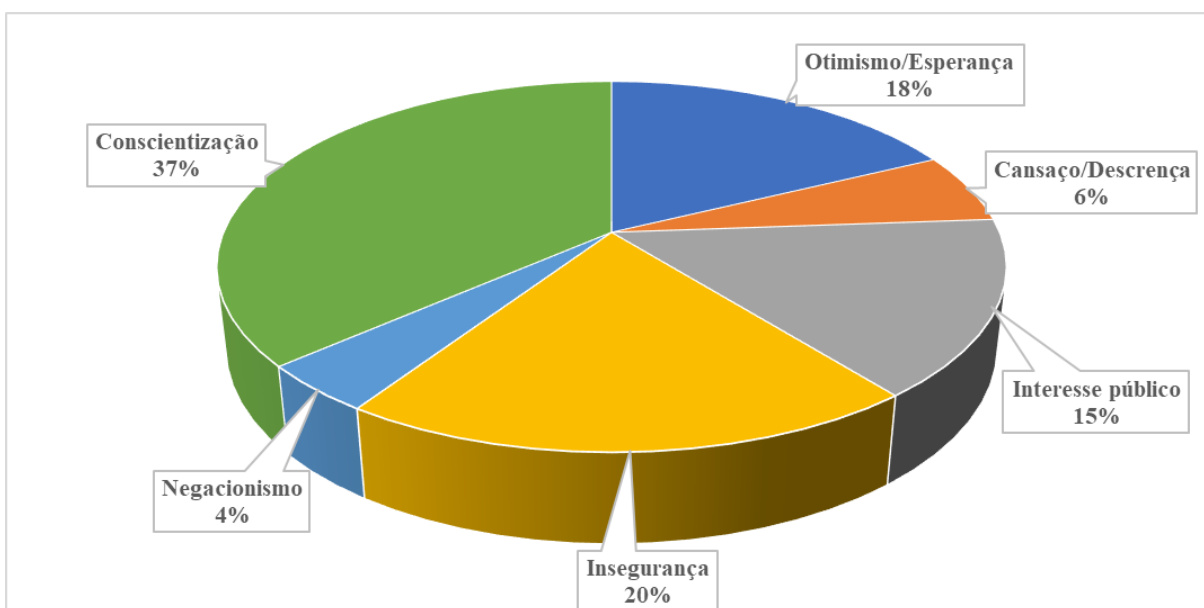
<sup>41</sup> Traduzido pela própria autora. No original: Half a million' sharks could be killed as world races to find a COVID-19 vaccine



propagação da pandemia”<sup>42</sup> (9News, 2020) e “Médicos advertem sobre a política ‘sem vacinação, sem entrada’ para lares de idosos e hospitais públicos.”<sup>43</sup> (9News, 2020), explicita o teor informativo e os atributos de conscientização das manchetes.

Para melhor visualização da integração entre as manchetes e as categorias desenvolvidas, apresenta-se a Figura 4.

**Figura 4:** Porcentagem de manchetes do 9News sobre vacina em relação às categorias



Fonte: Própria autora, 2022.

De maneira inicial, pode-se perceber que houve, no período analisado, 37%, isto é, mais de um terço do número total de manchetes classificadas em “Conscientização”. Ou seja, com características que expressam fortalecimento das evidências científicas e promoção de informações que incentivam a vacinação. Essa percepção é relevante ao lembrar o principal valor do noticiário, a confiança, uma vez que entregar conteúdo verídico e que estimula ações que protegem a comunidade é significativo quando pretende-se que o público enxergue credibilidade e segurança no noticiário.

Ainda sim, observa-se 20% das manchetes categorizadas em “Insegurança”. Isto é, que colocam a segurança dos imunizantes e da população em relação a elas no campo da

<sup>42</sup> Traduzida pela própria autora. No original: Global COVID-19 vaccine race to find 'silver bullet' to halt pandemic spreading

<sup>43</sup> Traduzido pela própria autora. No original: Top doctor flags 'no vaccination, no entry' policy for state's aged care homes and hospitals

dúvida. Ao mesmo tempo, 18% foram classificadas em “Otimismo/Esperança”. A fim de investigar, então, como as estratégias utilizadas pelo *9News* para retratar a temática da vacina mudou durante o período de tempo analisado, uma interpretação vinculada às condições do andamento da vacinação foi necessária.

Ao ordenar as manchetes por mês de publicação, buscou-se compreender o alinhamento do contexto com o teor das manchetes publicadas pelo *9News*. Analisar os dados, esforçando-se em notar movimento e mudança, resulta na observação mais clara das mudanças decorrentes dos diferentes contextos e das condições (STRAUSS e CORBIN, 2008, p.165). Apresenta-se, dessa forma, no Quadro 3 a relação entre o período de tempo em que a notícia foi veiculada e o número de manchetes relativas às classificações.

**Quadro 3:** Número de manchetes em cada categoria em relação ao mês de publicação.

	Nº de manchetes	Otimismo/ Esperança	Cansaço/ Descrença	Interesse público	Insegurança	Negacionismo	Conscientização
Março/2020	7	3	2	1	-	-	1
Abril/2020	3	2	-	-	-	-	1
Maio/2020	4	3	1	-	-	-	-
Junho/2020	6	3	1	2	-	-	-
Julho/2020	12	5	1	-	2	-	4
Agosto/2020	13	4	-	2	2	1	4
Setembro/2020	12	-	-	3	3	1	5
Outubro/2020	3	-	-	-	2	-	1
Novembro/2020	22	5	-	4	3	1	9
Dezembro/2020	20	5	-	4	2	2	7
Janeiro/2021	11	2	1	2	1	-	5
Fevereiro/2021	28	3	-	3	6	1	15
Março/2021	28	2	1	4	9	2	10
Abril/2021	28	1	4	3	9	1	10
Maio/2021	13	-	1	4	3	-	5
Junho/2021	4	-	1	1	1	-	1
<b>Total</b>	<b>214</b>	<b>38</b>	<b>13</b>	<b>33</b>	<b>43</b>	<b>9</b>	<b>78</b>

Fonte: Própria autora, 2022.

O desenvolvimento do quadro, como esperado, auxilia na análise e na formulação dos resultados. Percebe-se, por exemplo, que nos seis primeiros meses, a maior a presença nas manchetes referiam-se a categoria “Otimismo/Esperança”. Nos meses iniciais da pandemia, pouco se sabia sobre a possibilidade de uma vacina e infere-se pelo analisado que o *9News* adotou um posicionamento positivo em relação aos imunizantes. Por mais que, nesse época, sem promover comprovação científica, já criava-se uma visão esperançosa e otimista perante a vacina.

Nos meses seguintes, foi ultrapassada pelos conteúdos de “Conscientização”. Agora com fontes seguras e já adotando estratégias que comprovassem as fontes seguras as quais referenciavam-se as informações contidas no conteúdo, manteve-se uma perspectiva positiva em relação à vacina. Os meses de maior número de manchetes classificadas como

“Conscientização” - fevereiro, março e abril de 2021 -, corresponde ao mesmo indicador para a categoria “Insegurança”.

Insere-se, então, o objeto deste estudo, a vacinação, ao contexto que é apresentado no capítulo anterior. Desde o início da pandemia, diversas orientações dos órgãos de saúde foram introduzidos à dinâmica da polarização política, em que dois polos opostos politicamente, a esquerda e a direita, centralizam a disputa de opiniões. Além da vacinação, percebeu-se esse mesmo funcionamento em relação ao distanciamento social e ao uso de máscaras, por exemplo. As redes sociais foram bombardeadas com *fake news* que envolviam a descredibilização da eficácia das medidas de contenção do contágio do SARS-CoV-2.

Nesse sentido, conforme Massarani et al. (2021) a “[...] desinformação, portanto, deriva de práticas, sociais inseridas em um cenário cultural de disputas de sentidos, revelando, muitas vezes, mais aspectos políticos do que de saúde.” (MASSARANI et al., 2021, p. 4, apud Oliveira, 2020). O surgimento e o compartilhamento de conteúdos desinformativos não é apenas alinhado à opinião individual sobre o assunto em questão - aqui, a vacinação - e sim com o significado político que representa.

A defesa das medidas de contenção da pandemia foram enquadradas politicamente, sob a perspectiva dualista da polarização, à esquerda. Nesse sentido, segundo Gomes e Dourado,

o uso extensivo de fake news políticas é um fenômeno associado à ascensão mundial do movimento conservador de direita. A chave para entender a correlação está no tema da pretensa “crise epistêmica”, intencionalmente, produzida pela nova direita em seu próprio benefício, e que consiste em desqualificar todas as instituições tradicionalmente dotadas de credibilidade para arbitrar sobre o conhecimento socialmente aceito sobre fatos, a saber, a ciência, a universidade e o jornalismo. (GOMES e DOURADO, 2019, p. 37).

Nesse momento é importante relembrar o viés centro-direitista a qual foi atribuído ao *9News* pelo *Media Bias/Fact Check*. O mês de fevereiro, além de marcar o início da campanha de vacinação na Austrália, corresponde um dos pontos mais altos de hesitação à vacina no país. De acordo com o *Vaccine Hesitancy Tracker*, ferramenta desenvolvida pelo Melbourne Institute: Applied Economic & Social Research, que buscou rastrear a hesitação perante a vacina na Austrália.

No final de fevereiro de 2021, 17% dos entrevistados afirmaram se encaixar na categoria “Não quer receber a vacina”<sup>44</sup>. A maior porcentagem foi observada em maio de 2021, com 19,3%. Não se pode resumir a complexidade da junção dos fatores que podem ter

---

<sup>44</sup> Traduzido pela própria autora. No original “Not willing to be vaccinated”.

gerado tamanha hesitação diante da vacina a cobertura jornalística de um só portal de notícias - como a agitação criada pelo governo ao mudar tantas vezes as regras em relação a recomendação sobre a vacina para cada faixa etária, por exemplo.

Entretanto, é interessante perceber o alinhamento que há entre o conteúdo das manchetes do *9News* que transmitem o sentimento de insegurança, com a opinião pública sobre a vacina. Essa percepção ajuda a entender parte dos motivos pelos quais a Austrália demorou tanto para atingir números satisfatórios de vacinados - em junho de 2021, apenas 4,78% da população tinha recebido duas doses da vacina, enquanto no Brasil o número era de 12,13%.<sup>45</sup>

Mesmo que encontre-se a presença desses conteúdos em que os imunizantes sejam tratados com incerteza e, também, minimamente, manchetes com viés negacionista carregando desinformação, esses não foram o posicionamento predominante. Muito mais que insistir na dicotomia criada entre esquerda e direita, aqui reforça-se a importância de perceber que o *9News* promover a vacinação em meio a um contexto em que, ao fazê-lo, defendia-se a ciência.

---

<sup>45</sup> Informação disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57647951>. Acesso em: 22 mar. 2022.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da Covid-19 trouxe ainda mais à tona do que já estava a discussão acerca da presença da desinformação nos meios de comunicação na *internet*. As consequências da utilização de recursos como a desinformação na comunicação de assuntos que envolvem a saúde pública encaram um nível que se desprende do âmbito digital, já que o compartilhamento de notícias inverídicas pode inclusive contribuir com a morte de milhares de pessoas. Tendo em vista esse panorama, realizou-se, no primeiro capítulo deste estudo, uma contextualização acerca da situação pandêmica na Austrália.

Foi possível perceber, de antemão, a importância do processo de vacinação para o asseguramento da segurança comunitária. A partir disso, observou-se a relevância da existência de campanhas de vacinação governamentais para que a população seja bem informada e encorajada a cumprir seu papel individual e se vacinar. O segundo capítulo combinou o acontecimento da Covid-19 com estudos teóricos que estabelecem linhas conceituais com os quais verificou-se a responsabilidade da mídia - aqui, jornalística - ao noticiar os acontecimentos. Esse fato ainda é inflado por tratar do portal de notícias do *9News*, um noticiário que está inserido no ambiente digital.

O último capítulo, por sua vez, tratou da análise em si. Para responder ao primeiro objetivo específico, “Mapear as notícias veiculadas no noticiário *9News* sobre vacinação”, foi realizada a leitura flutuante do *website* do portal de notícias em questão. Como resultado, observou-se a existência de uma cobertura jornalística do processo de vacinação desde o seu início. Prontamente, percebeu-se a existência de muita semelhança entre manchetes - o que permitiu a criação das categorias -, mas também muita discrepância.

A abordagem exploratória, aliada à leitura flutuante, permitiu que fosse realizada uma observação dos dados criativa. Com base na TFD, pode-se empreender uma análise que seguiu os movimentos de mudança dos dados. Nessa etapa, revelou-se a falta de alinhamento entre as estratégias discursivas adotadas pelo noticiário. Essa afirmação se dá ao serem percebidos diferentes posicionamentos nas manchetes sobre o mesmo assunto, criando conflitos entre o próprio conteúdo.

Para alcançar o segundo objetivo, “Identificar as estratégias empregadas nas manchetes do noticiário analisado”, foram desenvolvidas as categorias de análise. Como resultado, suportado pela análise de conteúdo das 214 manchetes veiculadas entre janeiro de 2020 a junho de 2021, foram percebidas 6 categorias que agrupam os conteúdos semelhantes entre si. Ao envolver a leitura flutuante e as categorias desenvolvidas para a análise,

inferiu-se, como dito anteriormente, a maior frequência de manchetes em que a conscientização sobre a vacinação era promovida.

Entretanto, observou-se, também, altos números de manchetes em categorias que expressam sentidos diferentes - e até opostos - em relação ao percurso dos imunizantes. Constatou-se, nesse sentido, que por mais que a conscientização tenha sido predominante, também encontra-se a presença, mesmo que mínima, de conteúdos com viés negacionista carregados de desinformação. Isso revelou a maneira com que a mídia transita, juntamente com a população, entre diferentes sentimentos e óticas, depende do contexto momentâneo.

Além disso, o grande número - sendo a segunda categoria com características mais presentes nas manchetes - de conteúdos que demonstravam insegurança perante a vacina também é significativo. Essa constatação não deve ser excluída e é atravessada diretamente pela questão ideológica expressada pela percepção de vida de cada um - e que serve também para organizações, como foi percebida na pesquisa documental que indicou um viés tendencioso para a centro-direita.

Essa breve visão política do noticiário é muito significativa para a análise deste trabalho, visto que foi realizado por uma latino-americana, nascida no Brasil e não cidadã australiana. No Brasil, as consequências provenientes das decisões governamentais em relação a Covid-19 e à vacinação foram duras e fatais. A Austrália, a sua população e as organizações midiáticas não tiveram que lidar com o desenfreado número de contagiados e mortos pela falta de responsabilidade do Estado como ocorreu no Brasil.

Essa percepção foi determinante para o alcance do terceiro e último objetivo específico, “Refletir sobre o impacto destas estratégias de comunicação na promoção da conscientização sobre a vacinação”, que foi respondido ainda no terceiro capítulo. Constatou-se que as estratégias empregadas pelo *9News* para promover a conscientização sobre a vacinação incluíam a utilização de dados científicos e de informações provenientes do governo. O emprego dessas duas estratégias serviram como fatores que ressaltam a importância da vacinação para o bem comum da sociedade em grande parte das manchetes.

Em resposta ao problema de pesquisa, “de que forma o noticiário *9News* retratou a vacinação contra a pandemia da Covid-19 em seu conteúdo?”, pôde-se constatar que o *9News*, a partir da análise de conteúdo do texto das manchetes que citavam a vacinação, o fez promovendo sobretudo a conscientização acerca da temática. Compreende-se, nesse sentido, que isso segue os valores declarados pela organização, como a confiança do público. Ao utilizar-se de fontes seguras e fortalecer narrativas que encorajam a população a vacinar-se, percebe-se que o noticiário serviu como referência na busca por informações sobre a vacina.

Assim, considera-se que pôde-se responder o objetivo geral, “Analisar como a vacinação contra a pandemia da Covid-19 foi apresentada pelo portal de notícias australiano *9News*.”. Entende-se que a vacinação contou uma cobertura jornalística completa, na qual todas as etapas do processo foram noticiadas e, por conta disso, diferentes percepções foram observadas nos conteúdos das manchetes. Por mais que se contate mensagens que fogem do caráter conscientizador, a disseminação de desinformação foi pouco percebida.

Nesse sentido, mais uma vez, infere-se que o *9News* cumpre com o que é descrito em sua apresentação no *site*. É reforçado que os jornalistas da organização preferem trazer dados precisos e verdadeiramente informativos do que serem os primeiros. Pôde-se corroborar, no período e nas condições analisadas, que a afirmação é verídica, visto que não foram encontradas evidências claras de desinformação e propagação de fake news em seu conteúdo.

Com isso, a hipótese do trabalho de que o *9News* colaborou para desinformação sobre imunizantes contra a pandemia da Covid-19 na Austrália se refutou. As categorias de análise que revelam a presença de desinformação nos conteúdos observados não foram relevantes o suficiente para a comparação da hipótese. Por mais que a categoria “Insegurança”, que expressa um sentido de má-informação, tenha sido percebida em 20% das manchetes, esse número ainda é menor que os 37% de “Conscientização”.

Como a análise foi realizada estritamente em relação às manchetes, a finalização desta monografia deixa alguns questionamentos, que, em trabalhos futuros, pode-se inserir na coleta de dados o conteúdo das reportagens. Além disso, o trabalho limitou-se a analisar as mensagens utilizadas por um noticiário específico no seu *website* oficial, excluindo a atividade das redes sociais do portal de notícias, a reação do público e a sua versão impressa.

Aliado a isso, é pertinente relembrar que, até a finalização desta monografia, a pandemia não havia chegado ao seu fim. Dessa forma, ampliar ou diminuir o período de análise também pode - e deve - revelar resultados diferentes. Esses três fatores somados caracterizam pontos definitivos no resultado dessa análises e abrem precedentes para futuras ampliações.

Por fim, nesse sentido, não pretende-se, com essa análise, abarcar todas as possibilidades possíveis que não puderam ser cobertas pela especificidade escolhida para o presente estudo. Dessa forma, delineia-se projetos futuros que podem recuperar os pontos aqui não mencionados, assim como modificar as especificidades a fim de comprovar os resultados aqui obtidos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andersen, K.; Rambaut, A.; Lipkin, W. et al. The proximal origin of SARS-CoV-2. **Nature Medicine**, v. 26, p. 450–452, abril. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41591-020-0820-9>. Acesso em: 20 jan. 2022.

AUSTRALIAN GOVERNMENT. Australia, 2021. National Plan to transition Australia's National COVID-19 Response. Disponível em: <https://www.australia.gov.au/national-plan>. Acesso em: 27 jan. 2022.

A velocidade com que foi criada a vacina da Covid-19 é motivo de preocupação? Especialista do Butantan responde. **Instituto Butantan**, 2022?. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/a-velocidade-com-que-foi-criada-a-vacina-da-covid-19-e-motivo-de-preocupacao-especialista-do-butantan-responde>. Acesso em: 17 fev. 2022.

BALDISSERA, Rudimar. **Imagem-conceito**: anterior à comunicação, um lugar de significação. Porto Alegre, 2004. Tese (Dourado em Comunicação Social) - PUC-RS

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre comunicação organizacional e relações públicas: Tensões, encontros e distanciamentos. *In*: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 32 Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba. **Anais Eletrônicos** [...]. São Paulo: UP, UFPR, UNICENTRO, 2009.

\_\_\_\_\_. Tensões dialógico-recursivas entre a comunicação e a identidade organizacional. **Organicom**, São Paulo, n.7, p. 230-243, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/138954>. Acesso em: 26 fev. 2022.

BALDISSERA, R., & SARTOR, B., & SCHNEIDER, C. A mídia e o debate público sobre controle do tabaco: entre a saúde e a economia. **Rev. Comun. Midiática** (online), v. 10, n. 2, p. 12-27, maio-ago. 2015. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/140/142>. Acesso em: 05 mar. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. Programa Nacional de Imunizações – 30 anos. Brasília (DF): 2003.

DERVICHE, Andre. Tradição de campanhas bem-sucedidas de vacinação no Brasil depende de educação e formação cidadã. **Jornal da USP** [online]. São Paulo, 26 out. 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=466406>. Acesso em: 17 fev. 2022.

FRANÇA, Vera. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?. **Ciber Legenda**, n. 05, Jan. 2001. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36784/21359>. Acesso em: 04 fev. 2022.



\_\_\_\_\_. O acontecimento e a mídia. **Galaxia**, São Paulo, n. 24, p. 10-21, dez. 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399641250002>. Acesso em: 05, jan. 2022.

FREIRE, Neyson Pinheiro et al. A infodemia transcende a pandemia. **Ciência & Saúde Coletiva** [online], v. 26, n. 09, p. 4065-4068, set. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.12822021>. Acesso em: 10 mar. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIORDANI, Rubia Carla Formighieri et al. A ciência entre a infodemia e outras narrativas da pós-verdade: desafios em tempos de pandemia. **Ciência & Saúde Coletiva** [online], v. 26, n. 07, p. 2863-2872, jul. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.05892021>. Acesso em: 21 jan. 2022.

GOMES, Wilson. Por que a mídia é tão parcial e adversária da minha posição?: A hipótese da hostile media perception. **Revista Compolítica**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 7-29, 2016.

\_\_\_\_\_. A democracia digital e o problema da participação civil na decisão política. **Revista Fronteira (UNISINOS)**, São Leopoldo, v. 8, n.3, p. 214-222, 2005

GOMES, W.; DOURADO, T. M. Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. **Estudos em Jornalismo e Mídia** [online], v. 16, n. 2, p. 33-45, nov. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2019v16n2p33/41754>. Acesso em: 10 mar. 2022.

MASSARANI, L. M. *et al.* Infodemia, desinformação e vacinas: a circulação de conteúdos em redes sociais antes e depois da COVID-19. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. e5689, 2021. DOI: 10.18617/liinc.v17i1.5689. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5689>. Acesso em: 05 mar. 2022.

MELBOURNE INSTITUTE: Applied Economic & Social Research. Vaccine Hesitancy Tracker. 2021. Disponível em: <https://melbourneinstitute.unimelb.edu.au/publications/research-insights/ttqn/vaccination-report>. Acesso em: 15 mar, 2022.

OLIVEIRA, T. M. de. Como enfrentar a desinformação científica? Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. e5374, 2020. DOI: 10.18617/liinc.v16i2.5374. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5374>. Acesso em: 07 mar. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Managing epidemics: key facts about major deadly diseases. Organização Mundial da Saúde, 2018. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/272442>. Acesso em: 19 mar. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19** [S. l.]: Opas, 2020. (Página informativa, n. 5). Disponível em: [https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic\\_por.pdf](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf) Acesso em: 24 jan. 2022

PARK S., FISHER C., LEE J.Y., MCGUINNESSK.. **COVID-19: Australian news and misinformation.** , News & Media Research Centre, University of Canberra, Australia. 2020, p. 1–35. Disponível em: <https://www.canberra.edu.au/research/faculty-research-centres/nmrc/publications/documents/COVID-19-Australian-news-and-misinformation.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2022.

ROCHA, Rogério Lannes. Os negócios da mídia e a comunicação da saúde. **Cadernos de Saúde Pública** [online], v. 32, n. 2, mar. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00000616>. Acesso em: 20 mar. 2022.

RUDNICKI, C.; ZANCHI, V.; KEGLER, J.. Estado, mobilização social e interesse público: desenvolvimento e saúde pública em debate. **Esferas**, v. 6, n. 10, p. 9-20, jan-jun. 2017. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/8281>. Acesso em: 10 mar, 2022.

SILVA, Rodrigo. POLARIZAÇÃO POLÍTICA DIGITAL: A CONTRIBUIÇÃO DAS REDES SOCIAIS NA DIVISÃO SOCIOPOLÍTICA EM BOLHAS INFORMATIVAS E AS CONSEQUÊNCIAS PARA A CIBERDEMOCRACIA. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO E CONTEMPORANEIDADE: mídias e direitos da sociedade em rede, V., 2019, Santa Maria. **Anais Eletrônicos** [...] Santa Maria: CEPEDI, 2019, p. 1-16. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/563/2019/09/10.13.pdf>. Acesso em: 20 mar, 2022.

SORJ, Bernardo *et al.* **Sobrevivendo nas redes**: guia do cidadão. São Paulo: Moderna, 2018. Disponível em: <https://www.moderna.com.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8A808A8262600C59016269123DF37A4A>. Acesso em: 25 fev. 2022.

STRAUSS, Anselm. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada** / Anselm Strauss, Juliet Corbin; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2008.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia. TelessaúdeRS (TelessaúdeRS-UFRGS). Qual a diferença entre distanciamento físico, isolamento e quarentena? Porto Alegre, 13 Jan 2022. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/telessaude/posts\\_coronavirus/qual-a-diferenca-de-distanciamento-social-isolamento-e-quarentena/](https://www.ufrgs.br/telessaude/posts_coronavirus/qual-a-diferenca-de-distanciamento-social-isolamento-e-quarentena/). Acesso em: 27 jan. 2022.

WARDLE, C.; DERAKHSHANH.. Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Estrasburgo: Conselho da Europa, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>. Acesso em: 22 fev. 2022.

ZAROCOSTAS, John. How to fight an infodemic. **The Lancet** [online], v. 395, p. 676, fev. 2020. Disponível em:  
[https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)30461-X/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)30461-X/fulltext).  
Acesso em: 22 fev. 2022.